

BOLETIM TEOLÓGICO 17

FRATERNIDADE TEOLÓGICA
LATINO-AMERICANA - SEÇÃO
BRASIL

Neste Número

- ▶ Aspectos Antropológicos do Relacionamento Masculino-Feminino: Em Busca de Saúde e Obediência
- ▶ Masculino-Feminino: Perspectivas Psicológicas
- ▶ A Relação Masculino-Feminino: Em Saúde pela Obediência
- ▶ Auxiliadora Idônea
- ▶ O Relacionamento Masculino-Feminino e a Problemática dos Meninos e Meninas de Rua
- ▶ Masculino-Feminino: Em Busca de Saúde e Obediência



BTEOL., 6(17) MAI/1992

BOLETIM TEOLÓGICO

Assinaturas

Brasil: consulte no endereço abaixo

América Latina: US\$ 10,00

Demais Países: US\$ 15,00

Pedidos e Informações:

Boletim Teológico
Fraternidade Teológica Latino-Americana
Rua Pires da Mota, 110 - Aclimação
CEP 01529 - São Paulo -SP
Fone (011) 277-7618

BOLETIM TEOLÓGICO

Órgão trimestral editado pela
Fraternidade Teológica Latino-Americana
Seção Brasil

Ano 6 (maio de 1992) nº 17

Diretor:
Valdir R. Steuernagel

Coordenador Editorial:
Wilson Costa dos Santos

Conselho Editorial:
Carlos T. Siepierski
Jair Álvares Pintor
Júlio Paulo T. Zabatiero
Paulo D. Siepierski
Ricardo Barbosa de Souza
Roberto Pitch
Rubem Martins Amorese

ÍNDICE

Aspectos Antropológicos do Relacionamento Masculino-Feminino: Em Busca de Saúde e Obediência Raquel J. Prance	5
Masculino-Feminino: Perspectivas Psicológicas Isabelle Ludovico da Silva	16
A Relação Masculino-Feminino: Saúde pela Obediência Hilton Figueiredo de Oliveira	27
Auxiliadora Idônea Yokimi Yuça	39
O Relacionamento Masculino-Feminino e a Problemática dos Meninos e Meninas de Rua Solymar Correia Alves e Ronaldo Alves Leite	50
Masculino-Feminino: em Busca de Saúde e Obediência Documento	59

Boletim Teológico é uma publicação da Fraternidade Teológica Latino-Americana, Seção Brasil (FTL-B). É um boletim de reflexão e análise teológicas, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a divulgação do Evangelho. Os artigos publicados são de responsabilidade dos respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião dos editores. A reimpressão total ou parcial dos artigos inéditos aqui publicados está autorizada, desde que mencionada a fonte.

Pede-se a gentileza de enviar dois exemplares à redação.

Colaboradores desta edição:

Raquel Julia Prance é antropóloga e fez mestrado em teologia no Seminário Batista do Norte, em Chicago, EUA. Batista, trabalha num projeto social dos menonitas em Recife, PE.

Isabelle Ludovico da Silva é formada em economia e psicologia. Da Igreja do Cristianismo Decidido, trabalha e exerce o seu ministério em Curitiba, PR.

Hilton Figueiredo de Oliveira é formado em Teologia. É pastor presbiteriano e professor de Teologia na cidade de Natal, RN.

Yokimi Yuaça é formada em Teologia e Filosofia. É obreira cristã da Igreja Evangélica Holiness, na cidade de Belo Horizonte, MG.

Solymar Correia Alves e *Ronaldo Alves Leite* são casados e desenvolvem um trabalho junto a meninos e meninas de ruas na cidade de Maceió, AL, juntamente com outras pessoas da Igreja Batista do Pinheiro, daquela cidade.

Apresentação

MUDANÇA E CONTINUIDADE

"Lançando este boletim, manifestamos a nossa intenção de ter um veículo desta espécie na nossa própria língua, e o anseio de termos uma plataforma para a circulação de uma embrionária teologia brasileira, que seja profundamente bíblica, procedendo a uma leitura séria da nossa realidade e a ela respondendo adequadamente. É um boletim simples! Artesanal! Quer ser semente - SEMENTE DO REINO." (Editorial, BT, 1982)

Quando o Boletim Teológico iniciou, em 1983, a gente sabia o que queria mas não sabia ao certo como fazer. Juntando alguns recursos e um pouco de experiência daqui e dali o boletim foi nascendo e com o presente número, estamos tendo o privilégio de colocar o 17º exemplar do mesmo à disposição do leitor.

Nestes últimos anos o BT ganhou credibilidade, assiduidade e sistematização. Muito desse avanço se deveu ao trabalho consagrado e disciplinado do nosso ex-editor, Emil Sobottka. Com este número o BT passa a ter um novo editor, ou seja, o secretário executivo da FTL-B, o Pr. Wilson Costa dos Santos.

Nesta oportunidade nós queremos oferecer a nossa profunda gratidão e respeitoso reconhecimento ao Emil e o seu trabalho junto ao BT. Como muitos de nós sabemos, o Emil seguiu, juntamente com sua esposa Andréa, para a Alemanha, onde ambos trabalharão rumo ao doutoramento. Na Alemanha queremos ver o Emil e a Andréa como embaixadores da FTL-B.

E ao Wilson o nosso abraço de chegada para mais esta tarefa... e ele sabe o que faz. O seu compromisso com o BT vem de longa data.

Lembramos, ainda, que o BT não pode ser tarefa de uma pessoa só. Ele precisa refletir a caminhada de um corpo. Nesse sentido gostaríamos de convidar a cada assinante do BT e, especialmente ao corpo de editores assistents, a trabalharem com o Wilson rumo a um boletim que continue sendo e querendo ser "semente - SEMENTE DO REINO".

Com o boletim nº 17 estamos dando continuidade ao tema da nossa última Consulta Teológica: A Relação Masculino-Feminino - Em Busca de Saúde e Obediência. Enquanto no número anterior apresentamos vários textos para leitura prévia à Consulta, neste estamos apresentando vários textos que foram apresentados durante a Consulta. Também estamos apresentando o Documento Final produzido a partir daquela Consulta.

Valdir Raul Steuernagel
Diretor

ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS DO RELACIONAMENTO MASCULINO-FEMININO: EM BUSCA DE SAÚDE E OBEDIÊNCIA

Raquel France

INTRODUÇÃO

Para se falar do relacionamento masculino-feminino na perspectiva antropológica é importante, em primeiro lugar, delimitar um contexto concreto para a discussão, visto que a antropologia lida com seres concretos, e não apenas com o teórico de como eles se relacionam. Para este trabalho, serão analisados alguns exemplos do relacionamento masculino-feminino, a partir daquilo que é possível observar hoje na sociedade brasileira; particularmente, no Nordeste do Brasil. Além disso, será dada ênfase à realidade do meio popular, que é a realidade da maioria do povo empobrecido.

Saúde e obediência no relacionamento masculino-feminino serão entendidas sob a ótica dos valores da fé cristã. Sobretudo, entende-se que o Deus da vida, Deus de nossa fé, chama os seres humanos para relações baseadas na justiça e igualdade entre homens e mulheres.

1 - A IMAGEM DA MULHER E DO HOMEM

Para se compreender a antropologia do relacionamento masculino-feminino, um dos aspectos mais importantes é compreender a imagem do homem e da mulher que está sendo propagada. Isto porque a imagem de si e do/da outro/a que cada um tem serve como ponto de partida e de influência à forma de ambos se relacionarem.

1.1 - A imagem do homem e da mulher na propaganda

Com que imagem a mulher do meio popular se defronta na sociedade? Mesmo podendo se argumentar que os meios de comunicação e a propaganda como tal não se dirigem diretamente ao meio popular, a sua presença não deixa de trazer influências à imagem que as mulheres desenvolvem a respeito de si mesmas e à imagem que os homens têm das mesmas.

Tomando alguns propagandas que, nos últimos anos, foram divulgadas pelos meios de comunicação no Nordeste do Brasil, é possível tirar algumas

conclusões quanto à imagem da mulher e do homem na sociedade.

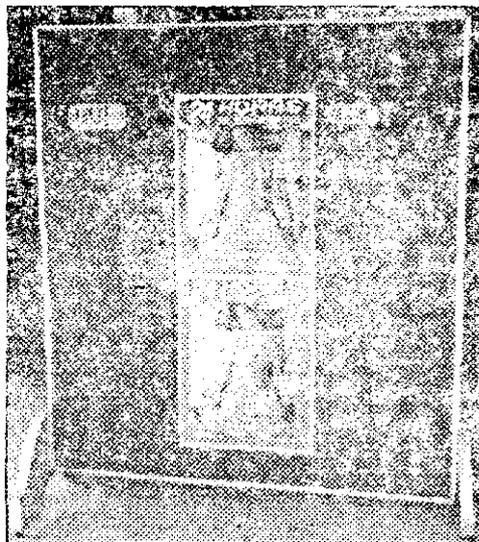


No *outdoor* da Benetton, a mulher aparece como corpo, não como corpo ou pessoa integral, mas sim, apenas como parte de um corpo, pois não aparece sua cabeça. Esta mulher, sem a cabeça, perde a sua identidade e a sua capacidade de pensar. Isto reforça a idéia da mulher como alguém sem humanidade; mulher como objeto, objeto que é mamadeira para a criança de outros. Limita a mulher ao seu papel biológico e, verdadeiramente, como pessoa sem capacidade de raciocinar. O fato da mulher ser negra traz à memória o papel da escrava, que era a ama de leite da criança do branco. Embora este anúncio não seja dirigido às mulheres da periferia, contribui para reforçar a imagem (conveniente à classe dominante) de que a mulher negra, pobre, possui utilidade apenas biológica, não servindo para pensar. A propaganda também esconde as diferenças de classe, pois veste a mulher negra (cuja imagem até aqui está associada ao papel de escrava, pessoa pobre) com uma roupa muito cara, que, na realidade, dificilmente ela teria condições de comprar. Assim, é negada a contradição existente entre as classes.

São muitas as mulheres (negras) que se deslocam, diariamente, das áreas de periferia, e que passam em frente dessas propagandas quando vão prestar serviço em casas de bairros ricos. É pouco provável que elas mesmas analisem desta forma a propaganda; mas, isto não quer dizer que a imagem da mulher acima descrita não seja assimilada e introjetada (inconscientemente) por elas.



No *outdoor* que faz propaganda do "hotel" (página anterior), novamente se vê o corpo da mulher exposto. É interessante notar que do corpo do homem só aparece a cabeça. Ou seja, o essencial da mulher é o seu corpo (a paixão), enquanto o essencial do homem é a sua cabeça (a razão). A mulher é definida por meio do seu papel de sedutora, o que é evidenciado pela maçã que ela oferece ao homem.



Neste cartaz em frente ao teatro, a mulher aparece totalmente entregue, sem defesa, com as mãos para baixo, indicando uma posição na qual ela não oferecerá nenhuma resistência, pois é ela mesma quem se oferece (repete-se o tema da mulher regida pelas paixões do corpo). Entretanto, o cartaz anuncia sexo explícito. Ora, dificilmente ela fará sexo explícito sozinha! Porém, o homem não aparece no cartaz.

Numa revista de circulação nacional, ao fazer a propaganda de lançamento de um novo depilador elétrico para mulheres, a Philips usou uma foto que ilustra bem a relação homem-mulher em nossa sociedade. Embora seja dito que "os homens costumam esquecer de tudo diante de um belo par de pernas lisinhas e macias", a foto retrata um homem usando óculos, o que traz a ele certo ar de intelectualidade (razão), enquanto o que é enfatizado na mulher é o seu corpo. A mulher está por cima do homem, submetendo-o por meio da sedução.

A imagem da mulher e do homem que está presente e que está sendo transmitida na sociedade (ainda que, em um ou outro caso, inconscientemente) é uma imagem de cunho antropológico dualista. Neste pensar, o ser humano está dividido entre a razão e a paixão. A razão é supervalorizada, e a paixão menospre-

zada. No mundo ocidental, a forma que isto toma é o fato de o homem ser identificado com a razão, a razão com o espírito, o espírito com a divindade.¹ Esta visão antropológica dualista produz a dependência da mulher ao homem² e contradiz a visão cristã de relacionamentos baseados na justiça e na igualdade entre o homem e a mulher, ambos criados à imagem e semelhança de Deus.

O homem é visto como o ser pensante, racional, capaz de tomar as decisões. A razão é valorizada como a verdadeira essência do ser humano, por ser mais pura do que o corpo. O homem deve pensar pela mulher, haja vista que ele é mais dotado de razão. A mulher é associada à paixão; o corpo, por ser inferior à mente, deve ser dominado pela mente e pela razão do homem.³

Quando existe esta imagem do ser humano como base, dificilmente será possível desenvolver um relacionamento masculino-feminino que seja saudável e que reflita os valores da fé cristã.

1.2 - A imagem do homem e da mulher na linguagem

Outro âmbito no qual se revela a imagem da mulher e do homem é a linguagem, especialmente a linguagem falada, tanto no conteúdo quanto nas palavras empregadas para a fala.

A linguagem é o depósito da cultura.⁴ Como tal, reflete os valores de determinada cultura. Mesmo que a análise da linguagem não seja uma preocupação das pessoas do meio popular (pelo simples fato de estas estarem mais preocupadas com as questões da própria sobrevivência)⁵, esta reflexão pode servir como pista para a compreensão das atitudes que existem no meio popular (conscientes ou inconscientes). Esta análise, em si, poderia ser ocupação para um trabalho muito mais amplo; porém apenas alguns exemplos serão apresentados aqui. São exemplos tirados de situações concretas do meio popular urbano do Nordeste do Brasil.

Um exemplo de linguagem comum no meio popular tem a ver com a designação da pessoa feminina e da pessoa masculina. Quando se trata de pessoa feminina, fala-se de "moça" ou de "mulher". Mesmo que a pessoa tenha 30 anos, continua sendo chamada de "moça" caso não tenha mantido relações sexuais; pois, chamá-la de "mulher" significa falar da sua sexualidade. Não é incomum se escu-

1. Cf. Ivone GEBARA e Maria Clara BINGEMER, *Maria mãe de Deus, mãe dos pobres. Um ensaio a partir da mulher da América Latina* (Série IV, A igreja, sacramento da libertação. Tomo XIII. Petrópolis: Vozes), p. 24.

2. Cf. José COMBLIN, *Antropologia cristã* (Tomo I, série III: A libertação na história. Petrópolis: Vozes), p. 24.

3. Cf. Rosemary Radford REUTHER, *Sexism and God-talk* (Boston: Beacon Press), p. 93.

4. Cf. José COMBLIN, op. cit., p. 212.

5. Cf. Ivone GEBARA, *Conhece-te a ti mesma* (São Paulo: Paulinas), p. 10.

tarem comentários como: "das duas irmãs solteiras que moram na casa dos pais, uma é moça e outra é mulher". Porém, ao se falar da pessoa masculina não se leva em conta a sua vida sexual. Ele é "rapaz" até certa idade e depois é chamado de "homem", tendo ou não mantido relações sexuais.

Vê-se, pois, que existe uma diferença entre aquilo que o homem pode e aquilo que a mulher pode. O problema é que a imagem que a palavra "moça" traz à cabeça é de uma jovem de 14 ou 15 anos, "pura". Chamar uma pessoa de 30-35 anos de "moça" traz o perigo de, inconscientemente, associá-la a características de uma pessoa mais nova (dependente, pura e talvez ingênua). É só a partir do seu relacionamento com um homem que ela se torna "mulher" (leia-se: adulta, completa, madura). Esta linguagem reforça a idéia da mulher dependente do homem para se tornar adulta. Além disso, impõe ao homem a imagem do indivíduo que terá a responsabilidade pela pessoa feminina e que haverá de ensiná-la e protegê-la.

Vale ressaltar, como muitos hoje já o têm feito, que a própria língua portuguesa é, em geral, androcêntrica. Na reunião de um Conselho de Moradores, onde estiveram presentes 25 mulheres e apenas 4 homens, tudo foi colocado no gênero masculino: "Eles decidiram", etc. O problema, neste caso, é que o masculino é tido como o padrão para explicar o mundo.⁶ A mulher, mais uma vez, fica escondida atrás do homem.

Estes exemplos mostram que a imagem que normalmente se tem da mulher e do homem não reflete um valor de igualdade, mas sim, uma visão dualista do ser humano: o homem como superior à mulher e a mulher como submissa ao homem. Desde então, não será possível haver uma base de justiça e igualdade para se experimentar relacionamentos sadios e obedientes.

2 - O RELACIONAMENTO MASCULINO-FEMININO NO MEIO POPULAR

Depois de ter sido analisada a imagem do homem e da mulher existente no meio popular, é possível examinar, também, algumas características do relacionamento masculino-feminino da forma como é vivenciado. Para tanto, serão apresentados alguns exemplos de relacionamentos concretos no meio popular, os quais mostram alguns padrões culturais, sexuais e econômicos.

2.1 - Padrões culturais

"- Sabe, o outro dia deu 7, 8, 9 horas e o Luis não chegava em casa. Eu fui pra casa do meu pai pra ver se ele tinha ido pra lá assistir a novela. Tava não. Aí meu pai disse que, quando saíram do trabalho, Luis disse pra ele que ia "logo aí", mas que chegava já em casa. Luis não é um daqueles homens de não chegar em casa. Às vezes

6. Cf. Delir BRUNELLI, *Libertação da mulher, um desafio para a igreja e a vida religiosa na América Latina* (Coleção Desafios e Perspectivas, v. 5. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil), p. 71.

ele diz que vai pra uma festa, mas sempre vem avisar que não vai voltar pra casa. Quando ele não chegou de meia-noite, fiquei preocupada. No outro dia já ia enlouquecendo...Eu já ia sair a procurar ele nos hospitais. Daí recebi a notícia que uma amiga tinha falecido. Essa notícia me deixou tão abalada que já não sai pra procurar o homem. Ele apareceu lá pras 5:00hs. da tarde."

"- E daí?" - perguntou Lila - "Ele deu alguma explicação quando chegou?"

"- Disse que tava na casa dum amigo" - respondeu Fátima.

"- E você contou que tava preocupada e que já ia sair à procura dele?"

"- Eu disse, mas ele disse que era besteira minha."

"- Ele não pediu desculpa não?"

"- Oxê! Ah! Ah! Essa é boa. Já imaginou ele pedir desculpas para mim?"

.....

"- A mulher teve outra barriga, foi menina de novo. Essa é melhor deixar morrer, não quero filho mulher não. Só homem. Essa daí eu não vou nem olhar."

.....

"- Lugar de mulher é em casa."

.....

"- Quem manda é o meu marido. Mesmo que sou eu que faço tudo em casa, mas quem manda é ele."

Estes breves retratos mostram como existem diferentes padrões de comportamento aceitos para a mulher e para o homem. Dentro da linguagem, dentro da própria conversa como tal, a mulher ocupa um segundo plano, inferior ao do homem. A tal ponto, que ela nem mesmo mereceu receber desculpas por parte do marido, depois dele ter sumido durante um dia inteiro. É visto como natural que ele saia e faça o que quiser. Ela simplesmente precisa aceitar a ausência dele, sem reclamações. Além de não ser considerada, a mulher é desvalorizada pelo mero fato de ser mulher. Realmente, existem muitos homens que não querem ter filhas porque isto não ressalta a sua masculinidade. O fato de a mulher afirmar que é ela quem faz tudo em casa, sendo, no entanto, o marido aquele que manda, reforça a concepção antropológica dualista, na qual o homem é o cabeça da mulher, e o que nela é importante é somente o seu corpo (no caso referido, para que mantenha a casa).

Vê-se, pois, que existe um relacionamento muito desigual entre a mulher e o homem, e que este relacionamento é determinado, também, por fortes crenças culturais (o homem tudo pode, enquanto a mulher fica em casa) que apóiam esta forma de relacionamento, mas que mantêm os relacionamentos distantes de padrões verdadeiramente sadios.

2.2 - Padrões sexuais

Não é apenas no âmbito cultural do relacionamento masculino-feminino que existem quadros onde a mulher está subordinada e o homem elevado. Comportamento semelhante ocorre na área da sexualidade. Observem-se os exemplos que seguem:

"- *Estou tão preocupado!*" - diz Severino - " *Não sei o que fazer. Fiz o teste da Aids e deu positivo.*"

"- *E a sua esposa,*" - pergunta Graça - "*também fez o teste?*"

"- *Ela não. Eu não disse nada pra ela não. Se eu contar ela não vai querer transar mais comigo. Eu prefiro não contar não.*"

.....

"- *Se eu ficar o homem vai me matar, ele vai me matar! Ele já disse isso. Por favor, me leve daqui! Ele quer coisas de mim que é só de prostituta. Ele não me respeita. Eu não sou esse tipo de mulher não, eu sou uma mulher direita. Eu já disse pra ele, mas ele não liga não. Ele disse que, se eu não fizer o que ele quer, ele vai me matar. Eu preciso ir embora!*"

Estes retratos mostram o quanto a expressão sexual, dentro do relacionamento masculino-feminino, é distorcida. Uma vez que a imagem do homem e da mulher é uma imagem antropológica dualista, cria-se uma imagem da mulher como objeto sexual; ela é levada a ver-se a partir do seu corpo e do seu sexo, e não a partir do seu ser integral.

A desvalorização da mulher como ser humano integral, em troca da valorização apenas do seu corpo, estabelece um relacionamento doentio. Pode, inclusive, causar atitudes tão extremas quanto às mencionadas: por exemplo, o fato de o marido não se preocupar com a saúde de sua esposa (mesmo que a própria vida desta esteja ameaçada). O prazer dele é supervalorizado, enquanto a sexualidade da mulher é menosprezada. Ao invés de procurar, junto à mulher, formas criativas de expressão da sexualidade, o homem entende a mulher como objeto, o qual pode dominar da maneira que quiser, com o qual se satisfaz sexualmente a seu bel prazer. O espetáculo da miséria sexual faz com que o sexo seja colocado completamente à parte da construção da pessoa humana e da comunidade.⁷

2.3 - Padrões econômicos

Ao falar-se do relacionamento masculino-feminino, há outro fator que é importante levar em conta: o econômico. Eis alguns exemplos:

7. Cf. Carmen PEREZ de Camargo, *Un enfoque bíblico-teológico del ser humano: Varón y mujer desde la perspectiva de la creación* (México: Fraternidade Teológica Latino-Americana, jul. 1990), p. 4.

"- *A questão é respeito entre o homem e a mulher. Quando isto acabar, a coisa acabou. A mulher só se submete ao homem porque precisa dele. Se ele não estiver lá os filhos dela vão morrer de fome, então, ela agüenta. Faz tudo o que o homem manda por causa das crianças, porque não pode sobreviver sozinha.*"

"- *A situação nesse país só vai melhorar quando mudar a lei. A lei favorece o homem. Só quando ela tiver categoria é que vai ser diferente. Aí ela não vai ter que agüentar tanto, ela vai poder ser independente. Pois a vida da pobre é essa.*"

.....
"- Rosa, o que foi que houve?" - perguntou Vânia -

"Por que você está chorando? Você está cheia de contusões. O que aconteceu?"

"- Não foi nada não." - respondeu Rosa.

"- Ora, a gente não fica desse jeito sem nenhuma razão!"

"- Bem," - confessou Rosa - "é que tou tão cansada! Hoje, com a greve dos ônibus, eu tive que ir e voltar do trabalho à pé. Se eu não fosse pro trabalho o chefe ia me demitir. E você sabe, né, a aposentadoria do meu marido não dá pra nada, então eu preciso trabalhar. Não consegui carona de jeito nenhum. Aí, quando eu cheguei em casa, tão cansada do dia, o homem tava furioso. Só fiz passar da porta e ele começou a gritar comigo. Ele perguntou onde é que eu tava. Se eu achava ele tão besta assim que ele não ia perceber que eu tava botando gaia nele. Eu tentei explicar que eu me atrasei porque não tinha ônibus, mas ele não queria saber nada disso não. Ele disse que eu tava inventando desculpas. Daí eu fui pegar alguma coisa pra comer, eu já tava quase desmaiando de fome, mas a raiva dele não tinha se esgotado não. Ele pegou o meu prato e jogou tudo no chão. Gritou que mulher dele não ia sujar o nome dele, me deu um tapa e saiu pro barzinho pra beber com os amigos. Não dá pra entender não. Eu saio de casa pra trabalhar, pra ajudar com as despesas, e, quando chego, ele me trata desse jeito."

A vida da mulher pobre, na maioria das vezes, é limitada às tarefas domésticas. O papel dela, assim entendido não apenas pelos homens, mas também por ela mesma, é assumir os afazeres domésticos, enquanto o papel do homem é se responsabilizar pelo "esteio da família". Torna-se evidente, aqui, que a dominação tem fundamentos econômicos e sociais⁸, não apenas culturais. A mulher fica em casa sem produzir (conforme as definições da sociedade). Ela é relegada à reprodução, enquanto o homem é relegado à produção material. Isto leva a relações sociais de dominação e dependência, ao invés de relações de igualdade e respeito.

8. Cf. José COMBLIN, *op. cit.*, p. 101.

O trabalho da mulher na própria casa não é remunerado. Se ela, por acaso, trabalhar fora de casa, geralmente o faz na atribuição de lavadeira ou faxineira, onde raramente recebe ao menos um salário mínimo. O fato do trabalho da mulher não ser remunerado (ou ser mal remunerado) cria uma dependência da mulher ao homem. Algumas mulheres sentem que devem suportar muitas situações, problemas ou atitudes de dominação por parte de seus maridos, porque sozinhas não conseguiriam sobreviver economicamente. Elas se submetem a situações abusivas por causa da dependência econômica em relação ao homem. Isto acontece porque, para a mulher pobre, o que mais a preocupa é, em primeiro lugar, a satisfação das necessidades básicas.⁹

Em relação ao homem, existe uma supervalorização do seu ganho econômico. Ele encontra o seu valor no fato de ser aquele que traz o salário para casa (mesmo sendo um salário pequeno). O mais importante é a sua capacidade de prover a família. O contexto no qual vive não lhe dá muitas oportunidades de valorizar alguma espécie de participação dentro de casa, com a esposa e os filhos. Ele é relegado ao mundo do trabalho.

Esta situação leva a um relacionamento baseado na desigualdade. Não conduz a uma visão de apoio mútuo, mas sim, à visão da mulher como sendo dependente (inferior ao homem) e do homem como sendo o provedor e dominador. Talvez esta desigualdade esteja acentuada no meio popular por causa da dificuldade do homem em encontrar um emprego que realmente lhe dê condições de prover todas as necessidades da família, de acordo com os padrões exigidos pela sociedade. Para conseguir preservar a imagem que ele e a esposa têm dele mesmo como provedor da família, o homem precisa procurar outros meios de se mostrar capaz de manter o poder familiar e de manter a mulher dependente e submissa. A única forma de fazer isto, muitas vezes, é através do abuso e da violência física e emocional. Mais uma vez, vê-se que o relacionamento está longe de padrões de saúde e obediência.

CONCLUSÃO

A imagem da mulher e do homem que está presente na cultura do Nordeste do Brasil é uma imagem de natureza antropológica dualista. É uma imagem que mantém a mulher no segundo plano em relação ao homem, pela valorização do seu corpo e da sua paixão, em contraste à valorização do raciocínio do homem. Estas imagens de si e do/da outro/a formam a base para o relacionamento masculino-feminino neste contexto brasileiro.

O padrão deste relacionamento é também de cunho antropológico dualista, do tipo que Perez assim descreve:

O intelecto predomina sobre as emoções, o trabalho produtivo predomi-

9. Cf. Ivone GEBARA, *Conhece-te a ti mesma*, p. 34.

na sobre o trabalho reprodutivo, o analítico predomina sobre o contemplativo; a ternura, a vulnerabilidade, o cuidado humano, a disposição ao sacrifício são desvalorizados enquanto a competição, o sucesso e a auto-realização são valorizados.¹⁰

Sem dúvida, não é um padrão sadio, e está longe da obediência aos valores cristãos. Já que foi observada a natureza doentia causada por este padrão, cabe aos seres humanos e à igreja a tarefa de buscar e desenvolver novas imagens do homem e da mulher, imagens que construam bases mais eficazes para relacionamentos masculino-femininos realmente saudáveis. O mais difícil, ao se pensar num relacionamento novo e saudável, é lidar com o fato de que o padrão antropológico dualista acima descrito está profundamente enraizado na cultura brasileira, tendo suas raízes no modo dos colonizadores tratarem as mulheres indígenas e no modo dos senhores de escravos tratarem as mulheres escravas.

Com um padrão de tal modo enraizado na cultura, a mudança para relacionamentos saudáveis e obedientes aos valores da fé cristã não será fácil nem rápida. Será possível somente quando houver uma verdadeira conscientização, a qual deve acontecer através de uma ativação externa de forças internas, até que se chegue à auto-consciência. Nesta, o ser humano passa do estado de ingenuidade para o estado crítico.¹¹ Não poderá ser conscientização imposta; antes, mudança de dentro para fora. Portanto, é preciso imaginar, criativa e contextualizadamente, como deveria ser o relacionamento masculino-feminino sadio e obediente a partir de Jesus Cristo.

Assim, serão colocadas aqui algumas pistas que podem apontar para uma antropologia nova e unitária:

* A mulher deve ser vista como ser humano integral, com plena capacidade de raciocinar. Por sua vez, que o homem seja visto também com plena capacidade de experimentar a paixão.

* Não é possível negar as diferenças existentes entre o homem e a mulher. Mas, que elas sejam afirmadas na sua realidade íntegra, de forma que ambos sejam igualmente valorizados.

* O corpo da mulher não é mero objeto sexual. Semelhantemente, o corpo do homem não deve ser uma arma de dominação.

* A linguagem precisa começar a refletir valores de igualdade, para que, assim, a mulher seja "tirada da cova" na qual se encontra dentro da linguagem, e seja colocada no mesmo patamar do homem.

* Faz-se necessário lutar para que haja condições econômicas de vida plena, onde o homem não sinta o ímpeto de dominar a mulher nem a mulher se sinta, necessariamente, em estado de dependência. Junto a isto, a produ-

10. Cf. Carmen PEREZ de Camargo, *op. cit.*, p. 4.

11. Cf. Clodovis BOFF, *Agente de pastoral e povo* (Petrópolis: Vozes), p. 7.

ção de ambos, mesmo que diferente, deve ser reconhecida e igualmente valorizada.

Existem, além disso, preocupações para a prática dos cristãos e da igreja: qual é a antropologia que se deve usar dentro dos ministérios cristãos? Como integrar uma nova visão antropológica dentro de contextos tais como ensino escolar, preparação de currículos, comunidade, sermões, de forma que haja uma imagem integral do ser humano, e que sirva como fundamento para relacionamentos sadios?

MASCULINO-FEMININO: PERSPECTIVAS PSICOLÓGICAS

Isabelle Ludovico da Silva

INTRODUÇÃO

Antes de começar a analisar perspectivas psicológicas, é preciso fazer um breve balanço das mudanças ocorridas na relação masculino-feminino, pelo menos neste século.

Por outro lado, é impossível falar de realidade psicológica sem levar em conta a estrutura social à qual está vinculada, pois há uma relação dialética entre estas duas dimensões, como também entre realidade psicológica e modelo psicológico predominante. A sociedade não apenas define, mas molda a realidade psicológica que, por sua vez, orienta a estruturação social. Toda sociedade fornece um modelo psicológico para preencher o desejo humano de auto-explicação. Assim, os modelos psicológicos correspondem a um determinado tipo de normas sociais, e são tentativas de explicar uma organização da subjetividade. Eles operam na sociedade como profecias que se auto-realizam.

Os norte-americanos, por exemplo, elegeram a psicologia do ego e a psicologia comportamental, as quais reforçam o seu pragmatismo; enquanto a França se encantou com Lacan, que enfatiza a linguagem e a elucubração intelectual. O Brasil deu preferência à parapsicologia sob todas as formas: terapia de vidas passadas, tarô, cristais, pirâmides, em função do seu misticismo.

A vulgarização da psicanálise constituiu um fenômeno social e cultural que teve grandes conseqüências na estruturação do indivíduo. O sociólogo Peter Berger avalia que ela se tornou "uma maneira de compreender o mundo e de ordenar a experiência humana com base nesta compreensão, fornecendo a legitimação científica à manipulação tanto interpessoal como intrapessoal".

O individualismo surgiu no século XVIII com a ascensão do capitalismo que, precisando de um "poupador responsável", investiu na doutrina calvinista da prosperidade. Hoje, o capitalismo avançado necessita de consumidores compulsivos, tendo usado a psicanálise para enfatizar a auto-gratificação. A sociedade de consumo deve regular o desejo do sujeito, e manter a competição por bens simbólicos e relacionais, programados para se tornarem obsoletos e escassos.

Na sociedade capitalista, o ser humano é alienado de si mesmo e dos demais. O psicanalista Chaim apontou que, em 1968, as faculdades de história e sociologia foram substituídas pelas faculdades de comunicação e psicologia, pois o discurso "psi" não ameaça nenhum regime totalitário, na medida em que promove

o individualismo, o narcisismo. Vende a ilusão de viver pelo prazer e favorece a manutenção do status quo. Erich Fromm denunciou o consumismo compulsivo, inclusive de diversão e lazer, e o conformismo desta sociedade psicologizada. Salvo honrosas exceções, como Hélio Pellegrino, que se engajou na política, e Jurandir F. Costa, que denunciou a "cultura do narcisismo" e está empenhado em proletarizar a psicanálise, a psicologia se tornou um instrumento de manipulação e de manutenção da alienação, à serviço do capitalismo selvagem.

A psicanálise enfatizou a separação da esfera pública e privada, o papel da família nuclear e erotizada, a sexualidade da criança e o mecanismo de interiorização da autoridade paterna. O final do século XIX foi marcado pela normalização da saúde, da habitação, da família, e, principalmente, da vida sexual dos sujeitos. É possível citar dois fenômenos característicos: a noção de pecado foi substituída pela noção de patologia, e o que era "ato perverso" virou "personalidade perversa", como, por exemplo, a sodomia se transformando em sintoma de homossexualidade. A confissão da sexualidade é vista como reveladora da personalidade como um todo, precisando ser interpretada por "aquele que sabe", isto é, o médico e, principalmente, o psicanalista, a fim de decifrar a verdade do sujeito. Na escola, a criança não é mais avaliada exclusivamente em função de suas notas, mas, também, em função de seu comportamento social.

No século XX, a regularização visa o imaginário. Vera Socci identifica quatro fatores dominantes dentre as atitudes atuais em relação ao sexo, amor e casamento: mudança do casamento como instituição para o casamento como interrelação e meio de realização social; evolução do papel das mulheres; alterações nas expectativas referentes ao amor e percepção modificada do sexo.

O que significa ser homem ou mulher tende a variar em função de épocas e culturas. Simone de Beauvoir disse: "Não se nasce mulher, torna-se mulher", e, denunciando o machismo das sociedades ocidentais, Benoite Groult completou: "É preciso sarar de ser mulher, não de ter nascido mulher, mas de ter sido criada mulher num mundo de homens".

Como ilustração da herança cristã oriunda da Igreja Antiga, Agostinho afirma: "Homem, tu és o mestre, a mulher é tua escrava, Deus assim o quis". O próprio Agostinho conclui: "A mulher sozinha não é a imagem de Deus; porém, o homem sozinho é a imagem de Deus, tão plena e completamente quanto a mulher junto do homem". Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, complementou: "Como indivíduo, a mulher é um ser medíocre e defeituoso". No Concílio de Mácon, em 485, foi discutido se a mulher poderia ser qualificada como criatura humana. Neste episódio, só foi "concedida uma alma" às mulheres por uma fraca maioria de votos. É necessário reconhecer, no entanto, que o primeiro livro, após a Bíblia, que fala de igualdade entre homens e mulheres foi escrito em 1673, por François Poulain de la Barre, um doutor em teologia parisiense que se converteu ao cristianismo e foi professor de filosofia em Genebra.

1 - A IMPORTÂNCIA DAS TEORIAS PSICOLÓGICAS DE FREUD E JUNG

Tendo em vista a importância das teorias psicológicas para a compreensão das categorias masculino e feminino ligadas à elaboração psico-social das diferenças biológicas, examinar-se-á, brevemente, a interpretação freudiana para, em seguida, estabelecer uma análise crítica desta leitura, mediante contraposição com a percepção da teoria junguiana.

1.1 - A interpretação freudiana

Para Freud, a mãe tem o papel fundamental de erotizar a criança. Menino ou menina, no entanto, terão motivações diferentes para se desvincular desta primeira relação objetal, ao mesmo tempo forte e ambivalente.

O menino se afasta da mãe por medo de ser castrado pelo pai, o qual ele considera um rival, dirigindo a ele sua hostilidade. O complexo de Édipo se dissolve quando o menino desiste da mãe, identificando-se com o pai, e busca outros objetos amorosos. O homossexual ou perverso mantém a relação ambivalente de pavor e exaltação da mulher pela ausência da função paterna que o deixou à mercê da mãe fálica, todo-poderosa e desejada ao mesmo tempo.

A menina, por sua vez, dirige sua hostilidade para a mãe, afastando-se dela por desapontamento e frustração; desapontamento porque a mãe não lhe deu um pênis, frustração por não ter sido nem amamentada nem amada o suficiente e pelo fato da mãe ter despertado, e depois proibido, a masturbação. Assim, o complexo de castração da menina pode tomar dois caminhos: repulsão à sexualidade e superenfaturação da masculinidade, podendo levar à homossexualidade ou à feminilidade (que consiste em se voitar para o pai). O desenvolvimento da menina se torna complicado quando, desapontada pelo pai, ela retorna à ligação com a mãe.

Muitas vezes, o marido, ao invés de ser o herdeiro da relação com o pai, é o herdeiro da relação com a mãe, que foi o modelo original. Esta teoria permite explicar a razão pela qual existe, no fundo da alma masculina, um desprezo e uma desconfiança pela mulher, que se aliam ao seu desejo não preenchido e ao medo de ser rejeitado. A psicanalista Christiane Olivier aponta que o desencontro entre os sexos se deve à armadilha do amor materno, principal motor da misoginia do homem, que fugirá de qualquer outra simbiose com qualquer outra mulher. Assim, uma mulher cava para a outra a cova da misoginia, verificando-se, neste círculo infernal, a maldição de Gn 3.16b: a mulher não desejada na infância busca, na idade adulta, o desejo e a aprovação do homem. Este, na posição de senhor, aproveita para acertar as contas com a mulher, em memória da mãe. A marca de Jocasta leva a mulher a morrer secretamente quando o homem se afasta um pouco, na tentativa de preservar a sua liberdade; e leva o homem a se imaginar novamente numa cilada, no momento em que a mulher tenta se reaproximar. O que à mulher dá segurança é sentido por ele como algo angustiante.

Segundo a psicanalista Naumi A. de Vasconcelos, o machismo brasileiro foi reforçado pela colonização, quando as mulheres indígenas e negras eram requisitadas para prestarem serviço ao invasor. O impacto desta herança cultural se manifesta na ressonância fenomenal da expressão "filho da mãe", identificada com a expressão "filho da puta". A suspeita intolerável de ser um filho bastardo de uma mãe puta levou o homem a dicotomizar a imagem da mulher em duas representações inconciliáveis: a mãe sublimada (Maria) e as outras mulheres, das quais ele precisa se vingar através da agressividade, que se expressa de forma velada, no cotidiano, ou de forma escancarada, através do estupro (inclusive paternal).

Num primeiro tempo, as mulheres aderiram cegamente à psicanálise, como, por exemplo, Helen Deutsch, que afirma que "a mulher paga seus conhecimentos intelectuais com a perda das preciosas qualidades femininas"; e Marie Bonaparte, que, após uma viagem ao Egito, justificou a mutilação das mulheres através da cliteridectomia, em função de "completar a feminização tirando um vestígio inútil do falo". Inútil para quem? Em nome de quê? Apenas para extirpar o desejo da mulher e impedi-la de dispor de seu próprio corpo, a fim de sujeitá-la ao desejo do homem. Assim, o que deveria ser um prazer compartilhado foi transformado no sinistro "dever conjugal".

É surpreendente quando se descobre a interminável relação de mutilações físicas e psicológicas que acompanham a história da opressão feminina. É surpreendente ouvir os psicanalistas fazerem do medo da castração do menino uma das bases de seu comportamento. Não se pode deixar de pensar no fenômeno da projeção para justificar tal leitura, pois, nenhuma raça, nenhum povo, nenhum grupo de mulheres jamais cogitou castrar os homens. Para Freud, o papel normal da mulher é a submissão, a resignação e o masoquismo; suas características, a histeria, a burrice e a mediocridade. Falando de uma paciente, que investiu no desenvolvimento de seus numerosos talentos, Freud comentou que "(...) quando ela entendeu que não havia lugar para as mulheres no mundo externo, ela começou a manifestar diversos sintomas dos quais só se livrou após se resignar a uma total inatividade."

Aos poucos, as feministas começaram a denunciar "a natureza falocêntrica das teorias freudianas". Karen Horney e Melanie Klein foram as primeiras a mostrar o caráter defensivo da "inveja do pênis". Falar de insuficiência genital para um ser que possui dois órgãos de prazer e também um aparelho reprodutor soou como algo incoerente, bem como o fato de que metade da humanidade deveria se sentir biologicamente inferior à outra metade. O que Freud considerou inferioridade psicológica foi visto como inferioridade histórica e social. Para Freud, o modelo de desenvolvimento do homem é a norma geral. A mulher é o seu desvio. Ele associou feminilidade à passividade, falta de pênis, narcisismo, superego mais fraco, deficiência intelectual, tendências masoquistas, instinto, desejo e prazer, o primitivo, o ilusório, o sensual, o imediato. Enquanto isto, masculinidade foi

associada ao ideal humano, à renúncia, moralidade, saúde mental, intelecto independente, razão, sublimação, possessão de pênis, desenvolvimento da ciência e da cultura. Judith van Herik denuncia este modelo hierárquico, no qual paternidade supera maternidade, masculinidade supera feminilidade e ciência supera religião.

Freud fez uma analogia entre o individual e o coletivo, assimilou patriarcal e civilização. Erich Fromm contesta esta interpretação limitada do mito de Édipo, que, ao invés de denunciar o incesto, revela a rebelião do filho contra a *autoridade paterna na sociedade patriarcal*, pois este é o tema básico das três tragédias de Sófocles.

A luta entre a cultura matriarcal e patriarcal ultrapassa a luta pelo poder, pois visa a supremacia de valores antagônicos: laços de sangue, vínculos de solo, lei natural, amor, aceitação dos fenômenos naturais versus lei do homem, da razão, do esforço para modificar os fenômenos naturais. A cultura matriarcal dignifica a existência e a igualdade, enquanto o sistema patriarcal substitui este princípio por uma ordem hierárquica.

As três tragédias de Sófocles contam a vitória do mundo patriarcal; mas, também, a sua derrota moral, como aponta Paul Tournier em seu livro *A missão da mulher*. Tournier considera que a Renascença foi responsável por um grande evento psicológico, uma escolha: o descrédito do sentimento, em benefício da razão; do corpo, em benefício do intelecto; da pessoa, em benefício das coisas. Mais ainda, houve uma espécie de sufocamento da afetividade, da sensibilidade, das emoções, da ternura, da benevolência, do respeito alheio, do relacionamento pessoal, da comunhão mística... E da mulher, a quem todos estes termos estão ligados por associação espontânea de idéias. As mulheres foram sistematicamente impedidas de ingressarem no mundo do saber.

O movimento feminista lutou, num primeiro momento, pela igualdade de direitos com os homens. Só recentemente alcançou a auto-estima suficiente para promover a afirmação de valores "femininos" antagônicos ao capitalismo.

Caio Fábio d'Araújo Filho reconhece que os excessos do feminismo são proporcionais aos excessos do machismo. Maria Clara Bingemer pontua que as teólogas do Terceiro Mundo já começaram seu itinerário na esteira do caminho aberto pelas feministas do Primeiro Mundo, o que as libertou da necessidade de uma contraposição aos homens, motivando-as a com eles desenvolverem uma *relação, nem sempre fácil, de companheirismo, para poderem se debruçar sobre problemas mais urgentes, como o da pobreza, e, mais exatamente, da feminização da pobreza*. Caberia, aqui, analisar a evolução destas relações e as etapas percorridas nas quais o príncipe encantado virou sapo, para, finalmente, ser aceito como pessoa real; enquanto a mulherzinha se tornava "super-mulher" antes de a si mesma poder se aceitar, com suas ambivalências e conflitos.

É certo que a emancipação da mulher leva à emancipação do homem, que perde uma escrava, mas reencontra uma companheira, na cumplicidade, na ternura, na mútua estima. Após ter confundido a sua identidade com a sua função de

mãe, e, posteriormente, com seu desempenho profissional (já que a sociedade tende a definir homem e mulher por aquilo que fazem, obrigando-os a contruírem suas identidades em função dos papéis sociais que lhes são atribuídos), a mulher quer, hoje, ser reconhecida por aquilo que ela é, através da restauração de valores femininos como intuição, perspicácia e imaginação. Paul Tournier incentiva a mulher a cumprir sua missão de contribuir com seus dons e talentos específicos, para que se caminhe à re-humanização do mundo e ao reequilíbrio da sociedade atual, através da prioridade das pessoas sobre as coisas.

1.2 - A interpretação junguiana

No entanto, a proposta de a mulher ser reconhecida por aquilo que ela é continuaria mantendo a dicotomia que enquadra o eros da mulher de forma que a esta deva sentir para que o homem possa pensar.

Esta divisão rígida e empobrecedora de papéis poderia ser superada através de uma leitura que abrangesse, de maneira mais marcante, a psicologia junguiana, que mostrou a necessidade da integração, em cada indivíduo, do masculino e do feminino. Para Jung, a realidade surgiu da oposição de categorias. O Verbo ou Logos separou a noite do dia, a terra da água... Mas, a noção de campo permite a reintegração de opostos. O homem é o princípio de diferenciação, enquanto o feminino é o princípio de agregação.

O homem entra no mundo da fantasia através da *anima*, enquanto a *mulher entra na realidade pelo animus*. O processo de desenvolvimento ou individuação consiste em ordenar o consciente e o inconsciente em torno do *self*, que é o núcleo central da psiquê. O processo se dá através da conscientização da sombra, bem como do *animus*, pela mulher, e da *anima*, pelo homem. O *anima* é o arquétipo do feminino no homem, o ideal de mulher que o homem procura, sua parte feminina. O caminho de individuação da mulher se dá pela separação da mãe, através da identificação com o pai.

A relação afetiva com a mãe é fundamental para a estruturação do ego da criança. Sua evolução ocorrerá naturalmente a partir da relação com o meio. Jean Shinoda Bolen, em seu livro *As deusas e a mulher*, afirma que a jornada de individuação, a busca psicológica da integridade, que significa completude e não deve ser confundida com perfeição, resulta na união dos opostos, o acasalamento interior dos aspectos masculino e feminino da personalidade, que podem ser simbolizados pela imagem oriental de *yin* e *yang*, contidas dentro de um círculo. Trata-se de unir o eros e o logos.

Mas, toda mudança é acompanhada de uma morte psicológica, ligada a uma dupla perda: perda do padrão de relacionamento em si e perda deste padrão como fonte de identidade. Esta morte na relação entre homem e mulher atinge aspectos de nós mesmos, papéis, posições anteriores. Toda morte requer luto e despedida.

Jung escolheu as palavras *animus* e *anima* porque *animare* significa

avivar; trata-se, de fato, de um guia ou psicopompo, que desempenha uma função vivificadora de mediação entre o consciente e o inconsciente, o psíquico e o espiritual, o ego e o self (que é andrógino). A *anima* e a *sombra* ignorada são projetadas e parecem estar fora de nós. Mitos e contos de fada trazem personificações de diferentes aspectos do arquétipo masculino e feminino. John Stanford considera que *anima* e *animus* são parceiros invisíveis presentes em todos os relacionamentos humanos; pois, embora as expectativas culturais e sociais e os papéis atribuídos a cada um dos sexos influenciem as maneiras como os homens e as mulheres vivem suas vidas, existem, no entanto, padrões psicológicos arquetípicos subjacentes.

O ego se identifica com a qualidade masculina ou feminina do corpo, a *anima* e o *animus* se transformam em uma função do inconsciente. A paixão é cega porque se nutre de projeções, não resistindo ao teste da realidade. As projeções positivas podem se tornar negativas, provocando atrações e repulsões extraordinárias entre homens e mulheres. A projeção, em si, não é boa nem má; o que se faz com ela é que deve ser levado em conta. Dante transformou seu encontro com a *anima*, cujo resultado recaiu sobre Beatriz, numa obra sólida e criativa (*A Divina Comédia*). O general Marco Antônio, seduzido por Cleópatra, perdeu sua personalidade. A diferença é que Dante percebeu que se tratava de uma figura de sua própria alma.

Os efeitos negativos da *anima* e do *animus* são relacionados com a falta de percepção e com a desvalorização, por parte do homem, de seu lado feminino; por parte da mulher, de seu lado masculino. A *anima* negativa tem os traços de uma bruxa ou de uma megera. Ela pode ser personificada pelas sereias, que dilaceram a consciência masculina e deixam o homem à mercê de suas paixões sexuais. Quando estas figuras arquetípicas se acham relacionadas com a consciência, seu lado positivo tende a se manifestar.

Jung observou que a *anima* negativa tende a intensificar e falsificar todos os relacionamentos emocionais. O antídoto para o homem consiste em saber o que está sentindo e tornar-se capaz de expressá-lo no relacionamento. Quando um homem está possuído pela *anima*, sua objetividade fica quase totalmente perdida num mar de opiniões irracionais e emocionalmente mescladas. A *anima*, experimentada como uma depressão, pode dominar um homem exatamente quando ele pensa estar no ápice de sua carreira masculina, pois ela é a imagem viva do fracasso do homem em lidar com o outro lado de sua vida: o lado feminino, o lado espiritual, o lado da alma. Se ela for considerada, ela pode ser transformada em aliada; mas, se for evitada, ela se tornará cada vez mais forte. Assim, um homem "bem sucedido" pode ser controlado por fantasias sexuais compulsórias.

Mesmo quando a *anima* apresenta um aspecto negativo, ela tem a função positiva de trazer o homem de volta ao seu caminho de plenitude e de desenvolvimento espiritual. Em seu livro *He*, Robert Johnson identifica o mito do Graal com a luta travada pelo homem para se tornar consciente de sua feminilidade interior

e relacionar-se com ela(21). Em seu livro *She*, ele aponta o conflito da mulher na colisão de duas naturezas intrínsecas: Afrodite, a fêmea; Eva (e Psiquê), a santa, Maria. A **anima** desperta o eros do homem e o obriga a aceitar e lidar com suas emoções. Se não for respeitada, ela distorce suas percepções emocionais e o torna escravo de seus humores e de suas paixões. O **animus** pode ser identificado com o logos; mas, quando possui uma mulher, passa a ser destruidor dos relacionamentos humanos e dos valores do eros. Ele age como perseguidor e juiz, consegue incutir sentimentos de culpa, inferioridade e fracasso, através de críticas e opiniões destrutivas. Entretanto, se for respeitado, ele traz coragem, poder de discriminação, objetividade e capacidade para focalizar sem perder a noção do todo.

Assim, o/a parceiro/a representa algo que o ser humano necessita para a compreensão a respeito de si mesmo.

Os **Parceiros Invisíveis** acrescentam um nível (dimensão) muitas vezes desprezado ou despercebido na escolha dos parceiros na vida. É justamente o lado obscuro da **anima** e do **animus** que pode recolocar o ser humano em seu caminho de plenitude e suscitar uma nova evolução psicológica. Para o homem, isto pode significar um respeito renovado pelo mundo do coração, pelos relacionamentos, pela alma, pela busca de sentido. Para a mulher, pode significar uma caminhada renovada para o mundo do espírito, da compreensão, para sua missão além da família, com o reino de Deus.

Homem e mulher são chamados a retirar as projeções da **anima** e do **animus** de seres humanos reais. O homem, pela **anima**, é forçado a ter consciência do seu lado afetivo. Ele precisa vencer seu orgulho pela sua inteligência, para ter acesso a sua intuição. Para lutar contra os julgamentos negativos do **animus**, a mulher precisa conhecer e valorizar aquilo que é verdadeiramente importante para ela, inclusive a sua feminilidade.

O processo de individuação se dá mediante dois processos entrelaçados: desenvolvimento e amadurecimento pela relação com os arquétipos, visando o equilíbrio entre as quatro funções do ego: pensamento e sentimento, sensação e intuição. A **anima** e o **animus** permitem resgatar a criatividade, ao invés de repetir padrões culturais estereis.

A noção de arquétipo pode adquirir uma roupagem cultural que permite uma reflexão contextualizada. No caso do Brasil, Herbert Unterste identificou Iemanjá como arquétipo da mulher. Como doadora de peixes, ela é mãe da vida, mas, como mar furioso, ela é a mãe da morte. Presente no espiritismo, Iemanjá é incorporada ao catolicismo, na imagem dicotomizada de Eva e Maria. Iemanjá é também a deusa do amor, a sereia voluptuosa e sedutora. A ambivalência da figura remete à luta entre o eu consciente e o eu inconsciente. Nos contos de fada europeus, o herói geralmente vence; mas, na América Latina, não existe príncipe vencedor. Também na lenda de Iemanjá, o herói morre tragicamente nos braços da "grande mãe".

Homossexualidade e dom-juanismo são, segundo Jung, as conseqüências

típicas deste complexo-mãe acima descrito. Na homossexualidade, o componente heterossexual está fixado, de forma inconsciente, na mãe; no dom-juanismo, procura-se a mãe em cada mulher.

O machismo é a expressão latino-americana do dom-juanismo. A polarização sistêmica do feminino e a hipertrofia do materno coincidem com a "santidade" da família patriarcal, enquanto o homem se identifica com o aventureiro, com o bandeirante conquistador de terras. Assim como o dom Juan conquista, atraiçoa e abandona as mulheres; o bandeirante conquista, explora e abandona as terras, numa espécie de revolta interior contra os aspectos mais avassaladores do complexo materno. A conscientização destes aspectos poderia levar a um questionamento do modelo de desenvolvimento econômico da sociedade atual, bem como a uma ocupação mais racional da terra.

CONCLUSÃO

A nova filosofia, que começou a tomar forma na década passada, diagnostica a crise da sociedade ocidental hodierna como decorrente de uma visão do mundo fragmentada e excludente. A ciência já foi forçada a romper com o pensamento cartesiano, racional e analítico, para conseguir entender o universo das partículas sub-atômicas. Numa reunião recente, patrocinada pelo CNPQ, cientistas do mundo inteiro concluíram que "(...) conceitos como espírito, intuição e emoção, terão que ser incluídos na visão ocidental do mundo, caso a civilização moderna quiser superar a profunda crise em que se encontra, na qual se misturam inflação, desemprego, contaminação dos alimentos, desastres ecológicos e violência social crescente, múltiplas facetas de uma crise única: uma crise de percepção."

O sagrado é percebido através da intuição, da sensibilidade, da empatia... Qualidades tidas como essencialmente femininas. Isto não significa que somente as mulheres têm acesso ao sagrado, mas que este acesso requer, por parte das mulheres, o resgate de sua feminilidade associada à capacidade de compreensão; e, por parte do homem, a integração de sua alma.

A nova dinâmica da relação entre homem e mulher se descobre através do exercício conjunto da liberdade, o que se evidencia na dialética aprender-ensinar, vivência-elaboração, mudança-tradição, vida interior-partilha, individualização-intimidade, público-privado, emoção-razão, solitude-solidariedade, objetivo-subjetivo, individual-social.

A restauração encontrada em Cristo não é restauração de direitos, mas do ser e da relação, na identificação da Imago Dei no/a outro/a, o que conduz à liberdade do desejo de monopolização da imagem. A Imago Dei se manifesta na autoridade para cumprir o mandato cultural que torna as pessoas solidárias. O pecado original não foi sexual, mas moral; motivado pelo desejo de ser igual a Deus, o qual se transformou numa luta pelo poder, também entre homem e mulher.

A relação é restaurada quando o desejo de se impor pela força ou de

seduzir é transformado pelo desejo de servir um ao outro, para a glória de Deus.

BIBLIOGRAFIA

- 1-Peter BERGER. *Para uma compreensão sociológica da psicanálise*. S. A. FIGUEIRA (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- 2-J. BOLEN. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- 3- M. COLASSANTI. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- 4-Caio Fábio D'ARAUJO. *A mulher no projeto de Deus*. Rio de Janeiro: Vinde, 1986.
- 5-Caio Fábio D'ARAUJO. *Cantares*. Rio de Janeiro: Vinde, 1987.
- 6-C. DOWLING. *O complexo de Cinderela*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- 7-Esther HARDING M. *Os mistérios da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 8-S. A. FIGUEIRA. *Uma nova família? Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- 9- Michel FOUCAULT. *História da sexualidade*. São Paulo: Graal, 1979.
- 10-V. FRANKS e M. A. BURTLE (ed.) *Women in therapy: new psychotherapies for a changing society*. Nova Iorque: Brunner Mazel, 1974.
- 11-N. FRIDAY. *Minha mãe, meu modelo*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- 12- E. FROMM. *A linguagem esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- 13- E. FROMM. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- 14-B. GROULT. *Ainsi soit-elle*. Paris: Grasset e Fasquelle, 1975.
- 15-A. GUGGENBUHL-GRAIG. *O casamento está morto, viva o casamento*. Editora Símbolo, 1980.
- 16- S. HITE e K. COLLERAN. *Bandidos, mocinhos e outros amantes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- 17-R. JOHNSON. *He, She*. São Paulo: Mercuryo, 1987.
- 18-M. LANGER. *La mujer: sus limitaciones y potencialidades. Cuestiones 2*. Havana: Grancia, 1973.
- 19-T. C. NEGREIROS. *Crises vitais da mulher: Conflitos psicológicos e sociais*. In: G. BONDER. *El impacto de los estudios de la mujer en la psicología*,

1989.

- 20- De 68 a 89: as três fases de Eva. *Jornal da PUC*. Rio de Janeiro, 1989.
- 21-S. NEVES. **Homem-mulher e medo: Metáforas da relação homem-mulher**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- 22-C. OLIVIER. **Os filhos de Jocasta**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- 23-N. ROGERS. **A mulher emergente**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- 24-V. SOCCI. **Elaboração e validação de uma escala de atitudes com relação ao sexo: raízes históricas**. São Paulo: USP, 1983.
- 25-P. TOURNIER. **La mission de la femme**. Paris: Delachau e Niestlé, 1979.
- 26- J. Van HERIK. **Freud: on feminity and faith**. Berkeley: Univ. of California Press, 1985.
- 27-J. O. PENNA. **Don Juan e o bandeirante brasileiro**. e H. UNTERSTE. **Iemanjá e o complexo de mãe do brasileiro**. *Revista Planeta*, número especial.

RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO: SAÚDE PELA OBEDIÊNCIA

Hilton Figueiredo de Oliveira

INTRODUÇÃO

Minha expectativa ao produzir este ensaio é, principalmente, incentivar a discussão sobre a relação masculino-feminino, mediante boa base bíblico-teológica, para assim alcançarmos saúde e obediência.

Desde já, parto do pensamento de que os muitos séculos de animosidade, discórdia, exploração e desrespeito mútuo, culminaram no estado de coisas que vemos hoje: ambos, homem e mulher, querendo provar que são melhores e mais capazes do que o outro.

Os evangélicos brasileiros, frutos, predominantemente, do esforço missionário das igrejas norte-americanas, trazem consigo vícios e distorções, bem como virtudes e qualidades, herdadas daquela forma de cristianismo. Aliado a isto, muito de nossa discussão sobre a problemática masculino-feminino, no contexto do Reino de Deus, tem sido gerado pelas conseqüências dos movimentos "feministas", que surgiram primeiramente nos Estados Unidos. Ademais, como se isto não bastasse, as discussões sobre a situação atual têm acontecido mais por razões sociológicas do que por propriamente se tratar de uma distorção da mensagem bíblica.

Há alguns anos atrás, por exemplo, assisti, estarecido e envergonhado, um debate sobre o ministério de diaconizas. Não podia acreditar no que ouvia. Ministros de várias partes do Brasil discutiram, durante horas, sem sequer uma vez estarem baseados no conteúdo bíblico. Os argumentos foram bastante variados. Porém, todos careciam de embasamento bíblico-teológico. Afinal, o que é que determina e traz luz a nossa reflexão? O que é que dá solidez a nossa argumentação? O que é que motiva nossas decisões? Embora o contexto no qual vivemos não deva e nem possa ser desprezado, ele não pode ser o fator determinante na lógica de argumentação que usamos. Antes, a nossa sociedade servirá de termômetro para nos alertar quanto aos problemas que se evidenciam como problemas pelo fato de crermos que Deus deseja uma realidade que deveria ser diferente.

Na expectativa de que possamos, partindo de um estudo sério e profundo, analisar o projeto de Deus, e, ao compará-lo com a nossa realidade, possamos caminhar com firmeza na implantação do seu Reino, também na dimensão da relação masculino-feminino, apresento o que segue.

1 - FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

Inicialmente, é preciso estabelecer o princípio que deverá permear toda nossa discussão. Toda e qualquer perspectiva bíblica não pode unicamente levar em conta a seqüência histórica natural. É sempre necessário considerar a seqüência criação-queda-redenção. Este princípio nos leva à simples conclusão de que aquilo que hoje temos em nossa sociedade não é o que Deus planejou. Portanto, é imperativo buscarmos, lutarmos, defendermos e obedecermos ao Criador de todas as coisas para que o ideal divino seja alcançado.

1.1 - A criação

Uma breve análise exegética dos capítulos 1 e 2 de Gênesis nos conduz à conclusão de que não há hierarquia entre homem e mulher, dentro do projeto original de Deus.

Gn 1.26-28. Notemos alguns detalhes fundamentais para a questão da relação masculino-feminino: no v.26 Deus declara que o homem, enquanto espécie (e isto inclui a mulher), foi feito à imagem e semelhança dele. É importante notarmos não apenas o caráter literário desta declaração divina, mas também o seu conteúdo ontológico. Embora Deus tenha se revelado como Pai, masculino, Filho, masculino, a palavra Espírito, na língua hebraica, é feminina. Além disso, na língua grega, a palavra usada para o mesmo Espírito está no gênero neutro. É possível concluir, com segurança, que há uma dimensão feminina intrínseca na "imagem e semelhança de Deus". Mesmo em duas culturas de fato machistas, como a hebraica e a helênica, os escritores não tiveram dificuldades em se referir à totalidade de Deus na Trindade, de forma não exclusivamente masculina. Ainda no v.26, Deus coloca sobre a espécie humana a responsabilidade de domínio, administração, controle e mordomia sobre a criação.

No verso 27, o texto bíblico é explícito: "Criou Deus, pois, o homem a sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou". Não há como entender, a partir daí, que não seja uma relação de igualdade, de equivalência, de aliança entre os sexos criados por Deus.

O verso 28 vem confirmar o acima apresentado, ao responsabilizar ambos, homem e mulher, com a tarefa de multiplicar, encher a terra e administrar a criação. Isto implica numa relação de aliança, de trabalho conjunto, de harmonia, onde não há nenhum vestígio de hierarquia, competição ou discórdia.

Gn 2. No segundo capítulo de Gênesis encontramos uma expansão de Gênesis 1.26-28. Independente da tradição literária aceita por cada um de nós, as conclusões serão as mesmas. No desenvolvimento do processo criador de Deus há uma clara conclusão do Criador: "não é bom que o homem esteja só". Esta percepção leva Deus a criar alguém que lhe seja igual, uma companheira, sócia na

aliança da administração da criação. Os detalhes desta relação são fabulosos quando consideramos a clássica afirmação dos versos 25 e 26. Primeiramente, quem deixa pai e mãe não é a mulher, e sim o homem. Num segundo momento, desta união entre homem e mulher resulta a dinâmica da aliança, da cooperação entre iguais na sociedade. E, em terceiro lugar, mais do que uma associação entre homem e mulher, o padrão bíblico é que eles se tornem um só ser. Isto só é possível porque há uma igualdade intrínseca entre aqueles que se unem.

Com esta rápida análise das narrativas da criação, podemos concluir que:

* Na ordem original criada não há uma relação de hierarquia entre homem e mulher.

* Também não há uma relação de independência entre eles. O que existe é uma aliança que gera interdependência.

* Cabe a ambos a tarefa de zelar pela criação, mantendo, assim, o ambiente sadio para que possam se desenvolver e cumprir obedientemente o mandato de Deus.

1.2 - A queda

O evento do pecado veio obstruir o caminho natural da criação, produzindo ruptura no processo de convivência harmoniosa estabelecido através da aliança de vida entre o homem e a mulher.

A narrativa de Gênesis 3 nos mostra que a associação, pela aliança, entre o homem e a mulher, era muito forte; tanto que Adão aceitou, sem muita relutância, a sugestão de Eva, comendo também ele do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não há dúvidas de que, pelo relato bíblico, Eva foi a personagem que primeiro cedeu, tendo comido do fruto. Porém, não é possível negar a responsabilidade conjunta de Adão em todo o episódio. Se ele não foi o principal culpado, foi, no mínimo, cúmplice. Adão não foi enganado, nem seduzido, nem obrigado. Ele comeu porque assim o quis.

É importante percebermos que foi com o advento do pecado que surgiram as conseqüentes distorções no projeto da criação. Assim, a princípio haverá o multiplicar do esforço da mulher ao dar à luz; e, a este esforço sobrevirá a dor (Gn 3.16). A mulher, pois, já haveria de dar à luz, e para isto teria que se esforçar. Semelhantemente, o homem, que já tinha a responsabilidade de trabalhar, cuidando do jardim, vê sua tarefa ser deformada e transformada num fardo. Não haverá mais prazer na execução de sua tarefa, mas sim, ela será dura e penosa (Gn 3.17-19).

Nesta narrativa das deformações das funções do homem e da mulher na estrutura da criação encontramos a afirmação da destruição da aliança de cooperação: "(...) o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3.16).

Somente agora, depois da queda, como conseqüência do pecado, surge a disputa e a luta por melhores posições. Walter Brueggemann conclui que "a sentença da vida longa, na aura do Éden, é uma vida em conflito, permeada de dor, suor e

com a distorção da vontade".¹

Pode-se concluir, num certo sentido, que a queda não trouxe nenhuma condição nova, não criou nenhum embaraço novo, não promoveu um novo estado de coisas. Com a queda, não há uma nova estrutura, é a mesma arena produzida pela criação bondosa de Deus, porém, agora, como uma estrutura deformada.

1.3 - Redenção

O que se pode esperar, então, dos resultados da redenção? A resposta nos parece óbvia. No entanto, no exercício do labor teológico temos percebido outra ênfase. Apesar de não ser possível fugir da conclusão de que o propósito da redenção é o restabelecimento da ordem produzida pela criação, temos sido acanhados no resgate que procuramos promover.

Já na narrativa da queda, em Gênesis 3.15, há uma voz de esperança para a transformação da situação estabelecida pelo pecado. Os profetas, por seu turno, promoviam o compromisso sério com Deus como meio de desfrutar a presença deste que, no princípio, visitara no Éden os antepassados do povo. Jesus Cristo, o Filho de Deus enviado, com afirmações contundentes anuncia a restauração da vida pela comunhão com ele (Jo 10.10). Paulo também entendia que a natureza seria restaurada (Rm 8.25). Além disso, a estrutura social urbana será resgatada de acordo com a visão da Nova Jerusalém em Apocalipse 21 e 22.

Portanto, o objetivo de nosso labor bíblico-teológico deve ser o de promover as condições e reflexões necessárias para que a igreja, como agente do Reino de Deus e promotora da redenção em Jesus, seja o carro-chefe das mudanças imprescindíveis à sociedade atual, rumo à consumação deste Reino.

2 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO ANTIGO TESTAMENTO

"A idéia básica, no Antigo Testamento, sobre homem e mulher, é que ambos foram criados à imagem de Deus, e ambos foram chamados para expressar esta imagem em suas vidas."² Porém, fato é que o povo de Israel não se manteve obediente a esta ordem. Como consequência da queda, distorções foram acontecendo na formação e na estruturação da sociedade judaica. Há, no entanto, situações geradas pela vontade de Deus na sociedade de Israel, nas quais encontramos algumas características importantes para o nosso estudo.

* Era comum a identificação pessoal ser feita através da ascendência paterna, demonstrando um valor comunitário profundo, em detrimento da individualidade (1 Sm 9.20-21).

1. Walter BRUEGGMANN, *Genesis (Bible commentary for teaching and preaching)*. Atlanta: John Knox Press, 1982), p. 50.

2. James HURLEY, *Man and woman in biblical perspective* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 32.

* Os casamentos eram acertados pelo chefe ou cabeça da família. É interessante notar que estes "matrimônios arranjados" eram promovidos para os filhos e para as filhas.

* A lei israelita era a única que tinha uma provisão clara de proteção para as viúvas, para órfãos, para os estrangeiros e para os pobres, independente do seu sexo (Lv 19).

* Também para as filhas mulheres havia uma provisão legal quanto à segurança de sua herança.

* Israel também tinha, como padrão para harmonia religiosa, a proibição da prostituição sagrada, bastante comum no Oriente Médio Antigo (Dt 23.17-18).

* A lei, a cada ano sabático, deveria ser lida diante da congregação, que era composta por homens, mulheres e estrangeiros (Dt 31.10-12).

* Embora houvesse uma grande valorização da função doméstica da mulher, da mulher como esposa e mãe, havia um claro reconhecimento de suas capacidades e possibilidades

em outras áreas (Pv 31).

* As mulheres jamais foram consideradas indignas de relacionamento pessoal com Deus, mesmo porque nos ritos de purificação ninguém as representava diante de Deus, nem mesmo os seus maridos. Elas mesmas deveriam se apresentar (Lv 12.6; 15.29).

* Há exemplos significativos de mulheres com ofícios públicos: Débora, Miriam, Hulda, Rute, Ester...

* Nem mesmo Atalia, que se tornou rainha pela usurpação do trono, é condenada pelo fato de ser mulher.³

Apesar destas características singulares da sociedade de Israel, há também algumas dimensões que não podem ser desconsideradas:

* Uma dificuldade está relacionada com a subordinação legal imposta às esposas e filhas. O texto de Números 30 mostra que o cabeça da família poderia até mesmo anular compromissos assumidos por aqueles que estivessem sob sua responsabilidade. Contudo, este costume parece estar relacionado à responsabilidade social do cabeça da família, e não à incapacidade ou inferioridade dos descendentes.⁴

* Um aspecto nitidamente discriminatório está relacionado ao período de purificação da mulher após o parto. Se a criança fosse homem, este período era de apenas trinta e três dias; se fosse mulher, era de sessenta e seis dias (Lv 12.1-5).

Mesmo considerando estas dificuldades, podemos concluir, com razoável segurança, que o Antigo Testamento não corrobora a idéia de que a mulher é inferior ao homem. Ao contrário, há um reconhecimento de sua capacidade, idoneidade, inteligência e até mesmo uma expectativa de que a mulher ideal seja

3. Idem, *ibidem*, p. 48.

4. Idem, *ibidem*, p. 44.

capaz de grandes feitos.

O grande problema é em relação ao exercício da função sacerdotal. Não há lugar para a mulher neste ofício. Esta proibição, porém, certamente não tem cunho "machista", no sentido que este termo recebe em nossos dias. Isto porque não era qualquer homem que poderia exercer esta função. Somente os homens descendentes de Arão e fisicamente perfeitos estavam habilitados para exercer tal função. Todos os outros homens estavam proibidos, juntamente com as mulheres. Ora, uma vez que o chamado de Arão se deu não pelo fato de ser superior aos outros, mas sim, por indicação divina, nem os homens impossibilitados de exercerem o sacerdócio eram inferiores e nem as mulheres. O que aparentemente acontece, aqui, é que a própria lei e as normas que regulamentam o exercício do sacerdócio estabelecem esta exigência de limitação ou eliminação dos não aptos à função, sejam eles homens ou mulheres.

Portanto, apesar destes resquícios específicos, as deformações no relacionamento homem-mulher não são fruto nem promoção da lei de Deus. O Antigo Testamento reconhece, promove, estimula e abre espaços para a mulher ser, juntamente com o homem, a executora do projeto divino.

3 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO NOVO TESTAMENTO

As expressões da cultura judaica, na época em que foi escrito o Novo Testamento, tomaram rumos quase que opostos aos do ensino do Antigo Testamento. Apesar do claro ensino quanto ao potencial e o valor da mulher, houve um afastamento consciente e deliberado por parte da liderança religiosa e política, criando um estado de opressão e desvalorização inaceitáveis. Embora não exista, por parte de Jesus, nenhuma afirmação exclusiva e direta em relação a este afastamento, as suas atitudes, palavras e tratamento dispensado às mulheres refletem que ele não se enquadrava dentro do pensamento vigente de sua época.

A fim de percebermos claramente este contraste, vejamos inicialmente algumas afirmações sobre a mulher, provenientes dos ensinamentos rabínicos da época de Jesus: o historiador Josefo afirma que "a mulher é inferior ao homem em todos os sentidos".⁵ O filósofo Filo entende que as "atitudes do homem provêm da razão, enquanto que as da mulher provêm da sensualidade (sentimento).⁶ Mostra-se, pois, claramente, que a opinião destes homens não são coerentes ao conteúdo do Antigo Testamento. Ao contrário, suas conclusões são até mesmo opostas à Escritura.

Ben-Sirac, embora reconheça algumas qualidades na mulher, ao analisar seus defeitos e suas maldades responsabiliza-a pela desgraça do homem, como se

5. Idem, *ibidem*, p. 61.

6. Idem, *ibidem*, p. 61.

este não tivesse responsabilidade pelas suas próprias atitudes (Ec. 26). É interessante notar, aqui, que, além da clara discriminação sexista, a avaliação ou a opinião sobre a mulher tem o homem como paradigma. Quando se fala da mulher sempre se o faz em comparação com o homem.

Como estes escritores chegaram a estas conclusões? É provável que o papel de submissão que se esperava da mulher na sociedade patriarcal tenha se deteriorado até o ponto dela ser considerada inferior. Isto, associado à pobre visão que a cultura grega tinha sobre a mulher, ajuda-nos a compreender os pontos de vista distorcidos a respeito do projeto do Reino de Deus.

Com o avanço do domínio romano há uma melhora considerável nas oportunidades e no tratamento dispensado às mulheres. Muitas podiam trabalhar, ter seus próprios negócios e viver uma vida pública normal.

Ao analisarmos o ensino no Novo Testamento, acerca da mulher, é preciso reconhecer esta situação de transição cultural, para apreciarmos com profundidade aquilo que queremos descobrir.

3.1 - A vinda de Jesus Cristo

A vinda de Jesus Cristo ao mundo inaugurou a era do Reino de Deus. Com o nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo foi inaugurado, definitivamente, o período da redenção. Isto significa que a vida de Jesus foi, é e sempre será um profundo desafio as nossas compreensões, valores, cosmovisões e estilos de vida limitados. A nossa expectativa é também que, ao conhecermos e entendermos claramente o ensino de Cristo, busquemos intensamente obedecê-lo, o que nos levará à saúde e à transformação. Da mesma forma que o ensino do Senhor confrontou e desafiou as situações de sua época, deverá este mesmo ensino produzir efeitos renovadores entre nós.

Analisemos, inicialmente, alguns encontros de Jesus com mulheres. O primeiro a chamar atenção é o encontro com a mulher samaritana (Jo 4). Há um contraste incrível entre o encontro de Jesus com esta mulher e aquele que o precede, quando o mestre se encontra com Nicodemos. Enquanto Nicodemos procurou Cristo à noite e não conseguiu compreender o que Cristo lhe dizia, a mulher samaritana teve seu encontro de forma pública, em plena luz do dia. Tudo indica que ela entendeu perfeitamente as palavras do Senhor. É extraordinário que não haja, por parte de Cristo, nenhum indício de dificuldade pelo fato de ela ser mulher. Aliás, foi Jesus quem iniciou a conversa.

Outro encontro surpreendente foi aquele que teve lugar na casa de Simão, o fariseu (Lc 7). Simão jamais teria permitido que uma mulher prostituta sequer o tocasse. No entanto, Jesus não só permite que ela o toque como usa o evento para deixar claro o quanto a fé daquela mulher era sincera e poderosa; ao passo que Simão, tão correto, não havia nem mesmo cumprido o cerimonial mais comum dispensado aos visitantes, ou seja, proporcionar que estes lavassem as mãos.

Em outras duas circunstâncias Jesus elevou as mulheres à mesma posição

que os homens. Em Mateus 12, ao responder a um chamado familiar, Jesus declara que faz parte de sua família "todo aquele que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe". Jesus classifica todos na mesma categoria, em suas palavras não há nenhum sinal de indicar inferioridade ou superioridade a determinado gênero de pessoas. Essa afirmação de Jesus ganha ainda mais força quando se percebe que ele não a fez em lugar restrito; ao contrário, esta declaração foi feita numa reunião pública, com um auditório composto por homens e mulheres.

O outro encontro foi com a mulher encurvada, numa sinagoga. O Senhor, ao vê-la, curou-a. Ela, imediatamente, começou a glorificar a Deus. Houve indignação por parte de alguns líderes, pois era sábado. Jesus, então, confrontou o chefe da sinagoga, mostrando que os judeus tratavam os seus animais melhor do que esta filha de Abraão. A expressão "filho de Abraão" era motivo de grande orgulho para um judeu;⁷ e, ao usar esta expressão, Jesus demonstrou a importância e o valor da mulher.

Por último, analisemos como Cristo encarava o aprendizado para as mulheres e o envolvimento delas com o seu ministério. Na conhecida passagem de Lucas 10.38-42, Jesus aprova a atitude de Maria, que ousadamente sentou aos seus pés, como era costume dos discípulos naquela época. Diferentemente do que seria esperado, Jesus valoriza a atitude de Maria, em contraposição à atitude padrão de Marta, que se ateu aos afazeres de casa. É também Lucas, no capítulo 8, que relata a participação de mulheres entre os que seguiam Jesus durante suas viagens e ministério. Elas, certamente, também participavam do ministério, e, principalmente, aprendiam.

A partir, pois, dos posicionamentos de Jesus, podemos afirmar que no Reino de Deus há um equilíbrio e uma distribuição igualitária de dons e funções, independente de sexo.

3. 2 - A posição dos apóstolos

Depois de examinarmos com cuidado os princípios que regeram a atitude de Jesus a respeito da relação masculino-feminino, analisemos como estes princípios se desenvolveram com os apóstolos.

Primeiramente, encontramos mulheres reunidas, juntamente com homens, à espera de pentecostes (Atos 1.13,14). Havia uma harmonia e esperança comuns face ao poder que viria sobre todos, sem distinção. Em seguida, ainda nos primórdios da formação da igreja, houve um problema relacionado ao cuidado dispensado às viúvas. Surge, então, um grupo de assistência às viúvas. Isto é significativo porque, neste caso, as irmãs prejudicadas não eram judias. Ao contrário de tratarem o problema com displicência, os apóstolos convocaram uma assembléia e escolheram pessoas (diáconos) para administrar a questão.

Nas cartas, especialmente nas de Paulo, encontramos um verdadeiro

7. *Idem, ibidem*, p. 87.

exército de mulheres como auxiliadoras, servidoras, diaconizas, evangelistas, discipuladoras, etc. Estas mulheres ocuparam posição de destaque e liderança no ministério de igrejas locais. Tudo indica que, para Paulo, uma companheira de viagem e de trabalho precisava ter muita fé, disposição e certeza de seu chamado, da mesma forma que qualquer homem que o acompanhasse. Paulo, inclusive, rejeita João Marcos como companheiro de viagens, enquanto tece elogios a um significativo número de irmãs. Prisca, esposa de Áquila, é o exemplo clássico, pois ela não só trabalhou com Paulo na formação de igrejas, mas também na "micro-empresa" que eles desenvolveram.

Há, ainda, algumas referências quanto à atuação e envolvimento de mulheres na vida das igrejas, o que mostra a liberdade e o reconhecimento que elas recebiam entre os membros da igreja primitiva. O texto de Atos 21 menciona quatro filhas de Felipe que exerciam o ministério da profecia. Paulo faz referência ao mesmo ministério em 1 Coríntios 11. Em ambos os textos, não há nenhuma dificuldade no fato de que mulheres estavam exercendo este ministério. Outro texto bastante esclarecedor é Romanos 16, onde Paulo faz referência a várias mulheres. Ao apresentar Febe, o apóstolo o faz usando o termo comumente empregado para descrever o ofício diaconal nas cartas pastorais. Ainda mais contundente é a afirmação de Paulo no verso 7, onde menciona Andrônico e Junias, respectivamente homem e mulher, como notáveis entre os apóstolos.

Como podemos perceber, há muita liberdade de ação, envolvimento, participação e até mesmo ocupação de funções de destaque no seio da igreja primitiva, por parte das mulheres.

4 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A tarefa de buscarmos compreensão e clareza do contexto no qual vivemos é das mais difíceis. Até certo ponto, é mais fácil analisar textos e documentos do passado do que avaliar o nosso próprio momento histórico. Porém, o esforço aplicado no estudo das fontes e documentos que falam dos fundamentos de nossa fé não terá valor algum se não puder fornecer parâmetros para a avaliação de nossa prática atual e nos desafiar para uma obediência a Deus, em busca de saúde e obediência.

Vivemos dias peculiares na história da humanidade.

O progresso tecnológico, os meios de comunicação social e a facilidade no inter-relacionamento cultural têm criado uma espécie de cultura global, atingindo a todos os povos. Sociólogos, antropólogos e cientistas sociais trabalham incessantemente na tentativa de explicar este processo universal. Raramente um fato relevante acontece, em qualquer lugar do mundo, sem que quase simultaneamente todos sejam informados.

Este inter-relacionamento tem promovido uma interferência cultural

entre os povos, nem sempre positiva.

No que concerne à relação masculino-feminino, as mais diversas culturas têm apresentado tentativas de solução e paradigmas interpretativos.

Temos, hoje, por exemplo, conhecimento de como as mulheres são tratadas no Oriente Médio e nos impressionamos com a forma repressiva à qual são submetidas. Diante de tamanha repressão, orgulhamo-nos da forma "liberal", "aberta" e "sem preconceitos" com que tratamos as mulheres na cultura ocidental. Não é difícil notar que a razão deste orgulho se baseia na comparação que os próprios ocidentais fazem entre si e outras culturas.

A análise míope da realidade e a postura liberal nos impedem de observar alguns problemas da cultura ocidental comuns à cultura oriental. Nos países ocidentais desenvolvidos a discriminação ainda é evidente. Mesmo depois da atuação de movimentos feministas, o acesso das mulheres a certas posições é extremamente difícil. Nos países do Segundo e Terceiro Mundo a realidade de discriminação é ainda mais gritante. O número de mulheres exploradas, usadas, abandonadas e oprimidas é acentuado pelo profundo grau de pobreza e miséria que caracterizam estes países.

É preciso perceber que a pobreza e a miséria que nos assolam não é apenas econômica. A dimensão econômica tem, sem dúvida, um peso determinante na forma como a sociedade avalia, decide e vê a si própria. Porém, sem reconhecermos a decadência moral e a cosmovisão desvinculada de Deus, adotada pelo mundo ocidental, falharemos na análise de aspectos importantes da situação contemporânea.

A cosmovisão de nossa sociedade é extremamente materialista e imediatista. O valor primordial mais propagado é "tirar o maior proveito do agora". Não se pode perder as oportunidades. Quase todas as coisas são avaliadas pela aparência e pela posse. A construção e formação de valores, a cultura, o caráter, que não são bens negociáveis, são cada vez mais desprezados. A eternidade, o relacionamento com Deus, o envolvimento e a dependência de uma dinâmica espiritual são tidos como imaturidade. Este conjunto de fatores tem sido terreno fértil para o desenvolvimento do problema moral da sociedade ocidental, que, ilusoriamente, é tido como libertador.

Uma vez que as barreiras do comportamento social estão sendo transpostas, a mulher tem tido livre acesso a qualquer lugar, a qualquer hora. Esta liberdade mudou a expectativa quanto ao comportamento feminino, de tal forma que hoje não existem atitudes e comportamentos específicos para a conduta feminina. O que esta liberdade estabeleceu foi um nivelamento de atitudes. Ao invés de se elevar, valorizar e moralizar as atitudes e o comportamento dos homens, fez-se o contrário com o das mulheres. Houve uma desmoralização, que se evidencia, de forma gritante, na área do trabalho profissional onde a mulher, sem perceber, tem sido iludida pelas aparências e está cada vez mais submetida à opressão, ao abuso e à humilhação.

Mesmo com a influência dos movimentos feministas, é comum se encontrarem mulheres inseridas no mercado de trabalho recebendo salários inferiores ao que ganharia um homem na mesma função. É também de livre aceitação a idéia de que a mulher que chega a posições de destaque o obtém por saber utilizar os seus dotes físicos. A mulher que assim procede, inclusive, é tida como inteligente e esperta. No caso de algumas atividades profissionais, como a de artista, modelo, cantora, a mulher não tem muitas chances de sucesso sem a submissão a este esquema imoral.

No restrito espaço de atuação evangélica a situação não é muito diferente. O que as mulheres tem feito é apenas aquilo que lhes é permitido ou que interessa aos homens que elas façam. Elas podem ajudar na educação das crianças, afinal, "criança é coisa de mulher mesmo". Podem auxiliar na assistência aos necessitados, pois a mulher é naturalmente mais compassiva. Ela pode organizar as atividades sociais da igreja, porque disto as mulheres gostam. Poucas vezes vemos mulheres atuando em áreas de destaque e de liderança espiritual como o ensino, oração, pregação, etc. Ela não fala, não ora, não ensina, não lidera, não toma decisões. Quando oportunidades são oferecidas, há dificuldade em serem desempenhadas, pois elas estão presas a uma tradição muito forte.

O que demonstra tudo isso? Demonstra uma desvalorização da mulher, ainda que inconsciente. Esta breve reflexão sobre a sociedade e a igreja contemporâneas nos leva a concluir que, apesar de todo o desenvolvimento de nossos dias, a relação masculino-feminino continua muito distante do projeto de restauração inaugurado por Jesus Cristo. Espero, portanto, que este ensaio nos ajude a refletir não somente a posição da mulher na igreja, mas também sua atuação na sociedade em geral.

5 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO REINO DE DEUS

Quero propor que, à luz da visão do Antigo Testamento, Novo Testamento e sociedade contemporânea discorridas neste trabalho, busquemos uma postura para a igreja que seja restauradora e promotora de saúde através da obediência. Para tanto, entendo que, mais importante do que encerrar com conclusões fechadas e definitivas, é preciso estabelecer uma agenda de atitudes, preocupações, estudos e mudanças a serem alcançados.

* O que é igualdade? É necessário muito cuidado para não se incorrer no constante equívoco de usar o masculino como padrão. Quase sempre, ao se pensar em igualdade, imagina-se a mulher se moldando ao protótipo chamado homem.

* Em consonância à observação anterior, é preciso reconhecer as capacidades e qualidades da mulher. Por mais irônico que possa parecer, nos textos mais usados para se reprimir a atuação da mulher se pode destacar e perceber as qualidades e capacidades que Deus a ela concedeu.

* Não se pode desprezar aspectos econômico-sociais na análise da relação

masculino-feminino. Ao lado disso, faz-se mister valorizar a mulher enquanto pessoa integral, criada à imagem e semelhança de Deus.

* Entendo serem de grande importância algumas definições com relação à vida eclesial, no que diz respeito a papéis, cargos, funções e ministérios. Precisa-se resgatar uma filosofia de ministério baseada não nos moldes atuais masculinizados, mas fruto de uma reflexão das necessidades da igreja e dos dons legados por Deus para supri-las. É preciso pensar qual o lugar da mulher na igreja; que tipo de ministérios relevantes podem e devem elas assumir. Cabe, aqui, um desafio profético de libertação para um envolvimento significativo da mulher nos ministérios da igreja.

* Talvez, o que mais precise de renovação, na área do relacionamento masculino-feminino, seja a família. Estou convencido de que a proliferação da literatura de edificação familiar não tem promovido crescimento nem desafios ao modelo tradicional. É tarefa urgente a criação de uma pastoral da família, onde diversas dimensões do relacionamento familiar sejam tratadas, onde posições e atitudes seculares sejam ousadamente confrontadas.

AUXILIADORA IDÔNEA

Yokimi Yuaça

INTRODUÇÃO

Em abril deste ano escrevi uma monografia com o título *Auxiliadora idônea: considerações sobre a mulher na perspectiva de auxiliadora, com certa ênfase na vida eclesial*. Ali, a perspectiva eclesial era, de fato, apenas "certa ênfase". Neste presente trabalho, a perspectiva é especificamente eclesial e ministerial. Assim como uma mulher que tira do seu guarda-roupa um vestido e faz nele uma reforma, encurtando a barra, colocando certos assessorios, para então vesti-lo com ares de novo, assim escrevi este breve trabalho. Suprimi as partes que não diziam respeito, diretamente, à perspectiva eclesial e ministerial, e incluí outras reflexões a respeito.

É um trabalho bastante pedestre. Algumas aproximações e questões sobre o assunto são resultado de minha própria vivência como mulher que, com temor e tremor, tem procurado ser fiel ao chamado do Senhor, tentando se comprometer com uma comunidade eclesial que ainda possui estruturas fortemente masculinas. Portanto, são questões sentidas na pele, questões que surgiram durante esta caminhada.

Longe de cristalizar minhas opiniões como a última palavra sobre o assunto, gostaria que esta reflexão fosse um sinal de abertura ao diálogo, no qual homens e mulheres pudessem repensar o equilíbrio, tão necessário em nossas famílias e em nossas igrejas, quanto à relação masculino-feminino, a partir da premissa do homem e da mulher como expressões da imagem de Deus. Seria interessante que, a partir de um diálogo produtivo, surgissem mudanças concretas em direção ao companheirismo real entre homens e mulheres, para a edificação do corpo de Cristo.

1 - REALIDADES E REALIDADES...

Para definir a diversidade de realidades dentro do Brasil, empregou-se, certa vez, o termo "brasis". Semelhantemente, as denominações evangélicas do ou no Brasil também não se posicionam monoliticamente quanto à participação da mulher na vida da igreja; especialmente, em questões como a possibilidade ou não de ela exercer o pastorado e/ou ser ordenada como qualquer ministro homem.

Algumas denominações já ordenam mulheres. As primeiras denominações que ordenaram mulheres no Brasil foram o Exército de Salvação e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Um documento do Exército de Salvação traz os

seguintes artigos, referentes a igualdade entre os sexos:

1. No Exército de Salvação as mulheres são tão qualificadas quanto os homens para anunciar o evangelho. Uma mulher pode preencher qualquer função, desde a de oficial até a de general.

2. Esse princípio de igualdade dos sexos se justifica não somente pelos textos bíblicos, mas tem sido confirmado através da história do Exército de Salvação pela influência notável deixada pelas mulheres.¹

Desde seus primórdios no Brasil, com a chegada do casal Davi e Stella Delisle, em maio de 1922, a figura feminina, no Exército de Salvação, faz-se presente ao lado da masculina. Stelle Delisle Miche foi a primeira oficial e a primeira ministra do Exército de Salvação no Brasil.²

A Igreja do Evangelho Quadrangular começou a ordenação de mulheres com a evangelista Aimee Semple MacPherson. Mary Williams já era ministra da igreja quando se casou. Posteriormente, seu marido ingressou no seminário da denominação, o qual vinha sendo dirigido por uma mulher, Dorothy Marguerite Hawley. Em 1958, Duncan A. Reily fala em seis ministras ordenadas, trazendo, também, uma estatística interessante:

Nos últimos nove anos, 121 pessoas do sexo masculino e 117 do sexo feminino se formaram no Instituto Bíblico. Hoje a igreja conta com 46 ministras, quase 11% da totalidade do seu ministério ordenado (...) Conclui-se que a Igreja do Evangelho Quadrangular é uma das mais abertas ao ministério pastoral feminino no país.³

Foi no Concílio Geral de 1970-71 que a eliminação da distinção de sexos para a ordenação foi efetuada na Igreja Metodista do Brasil. Abertas as portas, Zeni Lima Soares, depois de passar pelo período "probatório", obteve sua ordenação.⁴

Sabendo que os metodistas já ordenavam mulheres, entrei em contato com um colega, na época, seminarista da Igreja Metodista. Este me trouxe uma pequena revista, intitulada Reflexões para mulher metodista.⁵ A revista vinha assinada pelos bispos da denominação, e fora destinada ao Encontro Nacional de Mulheres Metodistas, em outubro de 1986. Junto à esta revista, recebi uma lista de endereços de seis pastoras, somente da região correspondente aos estados de

1. Duncan A. REILY, *História documental do protestantismo* (São Paulo: ASTE, 1984, 1. ed.), p. 395-410.

2. Idem, *Ibidem*, p. 397.

3. Idem, *ibidem*, p. 401-02.

4. Idem, *Ibidem*, p. 406-07.

5. COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista, *Reflexões para mulher metodista* (São Paulo: Igreja Metodista).

Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Atualmente, esta região conta com aproximadamente 90 pastores e cerca de 9 pastoras ordenadas.

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, os debates teológicos sobre a ordenação de mulheres, realizados na Alemanha, foram afirmativos. No artigo 51 do Regulamento de Ministério Pastoral da IECLB, encontram-se as seguintes palavras:

As disposições do presente regulamento aplicam-se aos pastores, às pastoras, aos obreiros em funções pastorais e a todos aqueles que assumirem funções pastorais, mesmo em caráter provisório na IECLB.⁶

Contudo, boa parte das denominações evangélicas do ou no Brasil, herdando o "pouco caso" dos grandes reformadores quanto à questão da mulher, está muito aquém do que se poderia esperar.

Uma abordagem mais honesta sobre a relação masculino-feminino, sob a perspectiva eclesial e ministerial, faz-se urgentemente necessária. Embora secularmente as mulheres tenham, até certo ponto, conquistado espaços mais amplos, e já tenha se tornado "senso comum" a aceitação, ao menos ideologicamente, dos direitos iguais para homens e mulheres, o mesmo não tem ocorrido com fluência em nossas igrejas. No âmbito eclesial, o processo se torna mais lento em função de já nos termos acostumado a aceitar uma série de interpretações bíblicas em relação à mulher e seu papel na igreja. O problema é que a teologia, enquanto produção humana, tem sido quase que monopolizada pelos homens, sendo, de forma eminente, forte expressão da perspectiva eclesial e ministerial masculina. O que ocorre em nossas igrejas é o que Juliet Mitchel, dentro de uma ótica secular, argutamente constata quanto à problemática da identidade da mulher:

"A maioria das mulheres ainda possui uma identidade reflexa, ou seja, vêem-se com os olhos dos homens; e, para complicar, toda ciência criada pelo homem vem a reforçar ainda mais esta identidade, que constitui o mal-estar profundo de todas as mulheres".

Nós ouvimos os homens falarem para as mulheres acerca do que é "bíblico". Além disso, o aceitamos como "Palavra de Deus" sem, muitas vezes, sequer questionarmos se é realmente isso o que a Palavra de Deus quer dizer. Em boa medida, a responsabilidade pela falta de equilíbrio na relação masculino-feminino, na vida de nossas igrejas, cabe às próprias mulheres, que se mostram omissas na reflexão teológica.

É também verdade que grande parte da compreensão que as mulheres têm a respeito do seu papel na igreja vem arraigada de preconceitos, onde o machismo assume a postura "sagrada" na palavra de muitos pastores. O que ocorre, em muitos casos, é que as mulheres introjetam estes conceitos e enfrentam sérias

6. Idem, *ibidem*, p. 408.

dificuldades em trabalhar certas questões com autonomia e desenvoltura. Jean Baker Miller observou:

O grupo dominante inevitavelmente tem a maior influência na determinação dos valores culturais: na filosofia, moralidade, teoria social e até na ciência. O grupo dominante legitima a relação desigual e a incorpora nos conceitos que guiam a sociedade. Os subordinados (mulheres) são perpetuamente encorajadas para desenvolver aquelas características prescritas para elas, e quando elas não o fazem, são consideradas não bem ajustadas.⁷

2 - ANÁLISES DE UMA CAMINHADA

Algumas denominações estão equacionando a questão da participação das mulheres na igreja. Por exemplo, se ela pode ou não ser ordenada...Embora quase num processo final, eu localizaria a própria denominação à qual pertencemos (Igreja Evangélica Holiness do Brasil) dentro deste grupo de igrejas. Estamos passando por um processo de questionamentos, e gostaria de me valer desta caminhada.

Na minha época de adolescência, ouvi que "liderar não é feminino". Presenciei, de forma indireta, a substituição de todas as mulheres que ocupavam cargos de liderança em certa igreja. Admiro-me, hoje, que ninguém, naquela época, tenha achado nada de estranho. Para ser "feminina" era preciso abafar qualquer tipo de manifestação que indicasse liderança.

Mais tarde, senti-me chamada ao ministério. Completei o curso de seminário, tendo escolhido deliberadamente o curso completo para formação de pastores, e não o curso de teologia com ênfase em educação religiosa (como era o esperado, no caso de mulheres). Depois de trabalhar quatro anos na companhia de meu pai (pastor da Igreja Holiness), recebi a nomeação para a Igreja Holiness de Belo Horizonte. Era "o primeiro obreiro" que a igreja recebia. De repente, porém, dei-me conta de que a liderança não tinha sido algo bem trabalhado na minha vida, e creio que também na vida das "meninas" daquela época. Receio que a liderança não esteja sendo bem trabalhada na vida das "meninas" de hoje...

A afirmação de que "liderar não é feminino" reflete, de forma acentuada, o processo de castração do feminino. Se alguma mulher tomar iniciativas de liderança pode correr o risco de ser considerada não feminina. Existe um processo de mutilação da mulher para que esta fique "no seu devido lugar", esperando e apreciando a performance masculina. Isto se introjeta de tal maneira nas mulheres que Colette Dowling o denominou "complexo de cinderela".⁸ O que se espera de

7. Jean Baker MILLER, *Toward a new Psychology of woman* (Boston: Beacon Press, 1976), p. 87.

uma cinderela? Nada, a não ser que fique esperando o seu príncipe encantado, o qual deverá tirá-la da sua mísera situação, sendo a solução para todos os seus problemas e tensões. Ela, por si mesma, não pode modificar nada, precisa de um príncipe encantado para salvá-la. Esta atitude passiva, de "cinderela", é normalmente elogiada e respeitosa e classificada como feminina. Deste modo, a mulher sofre, em si mesma, um processo de castração da sua personalidade.

Numa reunião de esposas de pastores e de obreiras, a teoria de que a mulher foi feita para trabalhar "à sombra" do marido foi levantada, reforçando a idéia de que ela não deve "aparecer", mas trabalhar "na surdina". Chamou-me atenção o fato de que a própria pessoa que argumentava nestes termos chegou à conclusão de que, mesmo assim, a mulher ocupava um lugar deveras importante no ministério do marido, pois ele dependia 100% dela. Na leitura que faço, ao mesmo tempo que este pensamento coloca a mulher num segundo plano, sem ter direito à identidade própria, compensa de forma "onipotente" esta fraqueza: o ministério do marido depende 100% da sua esposa.

Numa conversa que teve lugar em um retiro de pastores, no qual a temática era a questão da identidade profissional feminina no ministério, esteve em pauta a abordagem sobre a ordenação de mulheres. A palavra "auxiliadora" foi usada para mostrar que a mulher foi feita para ser auxiliar, não para assumir o pastorado. A partir desta interpretação da palavra "auxiliadora", muitas mulheres adquiriram a compreensão, ou foram treinadas para assim pensarem, de que a mulher não deve assumir coisa alguma por si mesma, mas deve ser auxiliar do marido, sua sombra, a mulher que está sempre "atrás de um grande homem". O que ocorre, na prática de minha denominação, é que o papel da mulher que se consagra ao ministério se resume em ser auxiliadora do pastor, especialmente se ela é casada com um pastor. Em termos de ministério específico, a mulher não possui identidade profissional própria.

A inconsistência do argumento se torna mais nítida quando colocamos a palavra "auxiliadora" no contexto de profissões seculares. Por exemplo: se uma mulher se casa com um médico, ela terá que automaticamente ser atendente de enfermagem ou algo parecido, para se encaixar no seu papel de auxiliadora? Será que uma mulher que se casa com um engenheiro civil precisa ser automaticamente uma espécie de desenhista-projetista, para ser auxiliadora de seu marido? É evidente que não! Mas, na vida das esposas de pastores, temos entendido assim: as esposas dos pastores devem ser suas auxiliadoras, assumindo, então, o papel de um sub-pastor, ou, como já foi dito, de sombra do pastor.

O termo "auxiliadora" deve ser entendido no sentido de como uma mulher é para um homem. Isto não implica, necessariamente, numa auxiliar em sentido profissional. Ela pode muito bem ser médica, e casar com um médico sem deixar

8. Cf. Colette DOWLING, *Complexo de cinderela* (São Paulo: Melhoramentos, 1981).

de ser a sua auxiliadora idônea. Sustento a idéia de que uma mulher pode assumir o pastorado e, nem por isto, deixar de ser a auxiliadora idônea de seu marido. A palavra "auxiliar" é, por demasiadas vezes, usada para colocar a mulher em posição inferior ao homem, como uma servente de segunda categoria. Mary Evans recolheu a informação de que a palavra que expressa a idéia de auxiliar, ajudar, é usada 19 vezes no Antigo Testamento. Por 15 vezes é usada para designar a relação de Deus em auxílio, em ajuda a seu povo necessitado. Com isto, pode-se concluir que, em si mesma, a palavra que expressa esta idéia não traz o significado de inferioridade ou subordinação, uma vez que Deus mesmo auxiliou inúmeras vezes o seu povo, sem que isto o tenha rebaixado ou inferiorizado.

Ainda, num outro diálogo, onde a pauta era a questão do ministério da mulher (a possibilidade de ordenação; a possibilidade da mulher, mesmo depois de casada, estar efetivamente exercendo seu ministério), um pastor usou o argumento de que, depois do casamento, a prioridade da mulher era a família. Naquela ocasião, este argumento me inquietou. Depois, ajudou-me a refletir: quando o homem casa, a sua prioridade não é também a família? Ora, tanto para a esposa como para o marido a família deve ocupar um espaço de fundamental significação. Mas, por que esta "prioridade" não abafou os anseios profissionais do marido, e, necessariamente, tem que sufocar a realização profissional da mulher? Seria interessante uma "prioridade" que também desse direitos para a mulher servir, empregando seus dons em espaços mais amplos do que sua cozinha e seu lar.

Muitos de nós temos o ser esposa e mãe como o limite da virtuosidade feminina, e demonstramos certa preocupação com mulheres que, além da família, querem exercer alguma coisa mais. Logo argumentamos que, assim, elas estariam abandonando a educação de seus filhos. Não posso compreender como esta imagem idealizada de mãe, esposa que renuncia tudo de sua vida e de suas aspirações (inclusive sua própria realização e felicidade, em troca da dedicação exclusiva a sua família), seja mais "espiritual" do que a atitude de quem, além da família, queira servir especificamente em outra área que ultrapasse o seu lar. A Dra. Roberta Hestenes descreve sua experiência pessoal:

As pessoas têm, de fato, diferentes níveis de energias e dons, e você não se modela segundo nenhuma outra pessoa. Você fica atenta ao que Cristo lhe diz para fazer. Eu fui abençoada com filhos saudáveis, que precisavam de boa atenção paterna e materna, mas não exigiram cuidados excepcionais. Fiquei em casa com o meu primeiro filho, porque minhas amigas tradicionais me disseram que "ter um bebê, enquanto se está fora, deixa-lhe sem nenhum tempo ou energia". E descobri que isto era verdadeiro em certa medida, mas não totalmente verdadeiro. Eu ainda tinha tempo e energia, com o que pude me dedicar à causa de Cristo, e pude me sentir fortalecida na minha dedicação de atenção a meus filhos com o trabalho que estava fazendo na igreja. Creio que devemos ser cuidadosos aqui para não colocar

qualquer mulher, seja tradicional ou não, numa caixa. É Deus quem chama.⁹

Ouvi repetidas vezes que "mulher na liderança só dá problemas e descamba para heresias". Mas, é curioso observar que, na história da igreja, existiram muitos líderes homens que incorreram em heresias. Não é pelo fato de ser mulher que ela está mais próxima do erro, como sustentam alguns. O sangue de Cristo tem poder para redimir e completar a obra da salvação tanto nos homens como nas mulheres. O Espírito Santo é também suficientemente capaz de distribuir dons na "ala" feminina.

Na minha denominação, as mulheres que se consagram ao ministério são chamadas de "obreiras". O próprio nome "obreira", em contraste com o termo "pastor", já indica uma não-identidade. Na verdade (não sei se o superamos, penso que ainda não), por um bom tempo a Junta Administrativa da Igreja Holiness não sabia exatamente como lidar com as obreiras. Por outro lado, as próprias obreiras também não sabiam definir exatamente o que estava faltando (se é que algo faltava, na opinião delas).

É verdade que não temos tido dificuldade em aceitar seminaristas mulheres. Mas, um dos principais questionamentos que eu tinha era: por que os homens e as mulheres, enquanto seminaristas, estudantes, localizam-se no mesmo nível, e, após alguns anos de ministério, de experiências no campo de trabalho, o desnível de crescimento entre um obreiro homem e uma obreira mulher, quanto à articulação e formação de opiniões próprias, liderança, experiências pastorais, era tão nítido?

Os pastores recém formados assumiam o pastorado de suas igrejas, e, bem ou mal, tinham todo espaço para crescerem profissionalmente, podendo aperfeiçoar o dom recebido por Deus. Portanto, os homens já têm um caminho traçado. É óbvio que as igrejas que os recebem esperam que eles assumam a liderança, que eles sejam "pastores".

O caminho das mulheres ainda não está definido desta maneira. Ninguém questiona um jovem pastor, que pede sua ordenação, quanto ao porquê de estar fazendo isto. Nem mesmo interpreta isto como algo que possa indicar presunção de sua parte (afinal, este é o caminho natural...). Mas, quando uma obreira começa a pensar sobre a possibilidade de ordenação há um caminho maior a ser percorrido. Algumas pressões acontecem naturalmente: a Igreja Holiness do Japão ordena mulheres, mas, apenas as de "mais idade" (pensei comigo mesma: "espero não precisar ficar tão velha para ser ordenada").

Em outro momento, alguém me dizia que "fulana" é pastora; mas, também, "ela era o que era" (como se dissesse: "só as que são mais brilhantes é que podem"). A partir disto, refleti: eu não me considero tão brilhante assim, mas, gostaria que

9. Roberta HESTENS, *Novos padrões: Perguntas e respostas* (manuscrito), p. 10.

as mulheres pudessem ter o mesmo direito de aprender, inclusive através dos próprios erros. Não é justo exigir uma "super-performance" feminina para que esta seja aceita no quadro de pastoras. É preciso dar as mesmas oportunidades de crescimento, e, além disso, margem às "cabeçadas".

Teve início um diálogo entre um grupo de mulheres e a Junta Administrativa da Igreja Holiness. O importante foi ter havido espaço para o diálogo com a liderança da denominação (aliás, totalmente masculina). A discussão em torno da ordenação de mulheres foi amadurecendo. Depois do primeiro pedido formal, feito pela diretoria de uma igreja, a Junta Administrativa se pronunciou a favor:

(...) A Junta Administrativa optou, nesta questão, não fazer distinção de sexo. Se para obreiros homens foram solicitadas oportunidades de preparo para ordenação, e tem havido resposta afirmativa, as obreiras, caso houvesse solicitação, deveriam ter pelo menos a mesma atenção.¹⁰

Uma parte significativa das denominações evangélicas de nosso país ainda não despertou para a questão. Caio Fábio D'Araújo Filho escreveu:

(...) boa parte dos problemas que se relacionam à mulher, dentro da igreja, reside no fato de que os homens não atribuem idoneidade à mulher. Interessante é que, para muitos, a mulher é idônea para preparar cafezinho, para carregar mesa, para cozinhar bem; idônea para satisfazer sexualmente o homem, para ter e educar filhos, para agüentar as pancadas da vida; mas, não é idônea para articular um discurso legal, não é idônea para dizer nada que tenha a perspectiva formal de uma compreensão adulta, e que equilibra à decisão e à palavra do macho.¹¹

Difícilmente encontramos presbíteras ou diaconisas, ou mesmo mulheres, fazendo parte ativa nas reuniões de diretoria de uma comunidade, a não ser que seja a convencional "secretária" da reunião. Em casos mais extremos, sequer se encontram mulheres dirigindo cultos que não sejam os específicos das senhoras. Faz-se necessário refletir, numa comunidade onde metade ou mais dos membros são mulheres, por que há diretorias e assembleias onde a maioria (muitas vezes absoluta) dos que decidem são homens?

Sem dúvida, ainda temos que caminhar muito para que o auxílio idôneo das mulheres, no que diz respeito a decisões, posicionamentos, funções de responsabilidade, avaliação de fatos e planejamentos, seja sentido de forma mais direta

10. Key Yuasa, *Cartas e papéis da presidência (Gestão 1985-88 e 1989-91 da Igreja Holiness)*, p. 79.

11. Caio Fábio D'ARAÚJO Filho, *A mulher no projeto do reino de Deus (Belo Horizonte: Vinde, 1990. 4. ed.)*, p. 33.

nas igrejas brasileiras.

3 - ALGUNS PASSOS A MAIS...

Com o caminho aberto para a ordenação de mulheres na Igreja Metodista, desde 1970-71, poderíamos ingenuamente pensar que tudo está, então, resolvido. Na verdade, existir a possibilidade de ordenar mulheres é uma etapa. Mas, a busca pelo equilíbrio na relação masculino-feminino continua. Selecionei alguns trechos da **Reflexão para mulher metodista**:

Esta reflexão sobre "a mulher" é fruto de diversas preocupações relacionadas com o elemento feminino em nosso meio: ausência de uma literatura de tonalidade cristã, em linguagem popular e objetiva, abordando sua condição de pessoa humana, sua posição na família, na igreja e na sociedade; o equívoco que se difunde, defendendo biblicamente a orientação patriarcal; a falsa idéia de que a mulher é menos capaz do que o homem(...)

(...)É ponto pacífico verificar que sua contribuição tem sido positiva, mas sem expressão. Porém, esta participação inexpressiva só denuncia a falta de oportunidades oferecidas a ela e a discriminação da qual é vítima todos os dias. A memória masculina, condicionada pela tradição patriarcal, ofusca sua lembrança, impedindo-a de perceber que as mulheres representam a metade da humanidade(...)¹²

(...)A nomeação de uma pastora para uma igreja, em alguns casos, constitui motivo de insatisfação. Esta, na maioria das vezes, não aparece abertamente declarada, mas, revela-se disfarçadamente, através de atitudes articuladas, entavando e dificultando o trabalho pastoral da obreira. Ouvia-se, certa vez, em um grupo de conversa, depois do culto, a seguinte declaração: prefere-se um pastor, embora medíocre e sem condições criativas, a uma pastora, mesmo que ela tenha melhores condições e desempenhe de modo mais produtivo a tarefa pastoral.¹³

(...)Assim, o espaço feminino de ocupar seu próprio lugar permanece no mesmo nível de rejeição. Em nossas igrejas e congregações ocorre um isolamento meio velado quanto ao sacerdócio feminino.¹⁴

Talvez pelo fato de a Igreja Metodista já estar mais adiantada nesta caminhada, em comparação a outras denominações, ela pode se mostrar mais sensível à pressão que sofre a mulher que deseja servir ao Senhor, dentro da igreja.

12. Op. cit., p. 3.

13. Op. cit., p. 15.

14. Op. cit., p. 29.

O. Eldred escolheu o título *If God calls, why not the church?* (Se Deus chama, por que não a igreja?) para sua contribuição quanto ao assunto "mulheres pastoras". No sistema episcopal, onde a nomeação é feita de cima para baixo, o caso de algumas pastoras são ainda "contornáveis"; mas, a questão da aceitação do ministério feminino fica mais evidente num sistema congregacional, no qual as igrejas é que escolhem seus pastores. É comum que comissões, formadas na igreja local para a escolha de novos obreiros, sejam compostas por uma maioria masculina. Muitos dos que compõem estas comissões nunca pensaram na possibilidade de seu próximo "pastor" ser uma "pastora". Eldred argumenta, com razão, que, na realidade, com igual treinamento a mulher pode ser tão competente quanto o seu companheiro pastor.¹⁵ Portanto, quanto mais utilizado o dom mais ele se aperfeiçoa. O mesmo autor observa que o que falta, fundamentalmente, para as mulheres, são maiores chances para que possam desenvolver o seu dom de pregar. É bastante comum que, quando junto a uma equipe de seminaristas se vai a uma igreja, esta concede a palavra para o seminarista homem, é ele quem tem a oportunidade de pregar. Enquanto isso, quando à seminarista é concedida a palavra é para "dar um testemunho".

Eldred cita também o exemplo de Priscila, a qual, depois de servir por vários anos sua pequena igreja, desejou uma nova situação. No ministério que exercia, Priscila se mostrava excelente pregadora e professora, pastora cuidadosa e competente conselheira. Após alguns meses, advogando com as pessoas do "staff" de sua denominação, conseguiu ser entrevistada por sete igrejas. Entretanto, todas as sete decidiram contra ela. Finalmente, sua oitava entrevista resultou em ser chamada para servir como pastora. Este, agora, é o seu trabalho. Quanto à mulher como ministra, os membros desta igreja replicaram: "por que não?". Parece ser uma resposta um tanto fora do comum, mas o fato é que aquela congregação tinha tido experiências anteriores positivas com a atividade de mulheres ministras. Aquele comitê sabia que as mulheres ministras têm competência para realizarem o seu trabalho. Ao terem entrevistado Priscila, o ponto central não foi o fato de ser ou não mulher, mas sim, se ela possuía o talento, a habilidade que convinha àquela paróquia.¹⁶

Quero terminar com duas citações:

Há um imenso horizonte para o ministério da mulher na igreja e fora dela. Mas, esse ministério só terá vez se a liderança masculina "desmachificar" a eclesiologia, bem como expurgá-la de elementos da "cultura antiga", que nada têm a ver com a verdadeira perspectiva bíblica do papel e do espaço

15. Cf. O. John ELDRED. *Women pastor: If God calls, why not the church?* (Valley Forge: Hudson Press, 1981).

16. Idem, *ibidem*, p. 42.

da mulher na sociedade.¹⁷

A participação da mulher, entretanto, pressupõe a conversão e a santificação da igreja patriarcal, transformando-a em uma comunidade de discípulos. As mulheres são também a igreja, e também são chamadas e eleitas de Deus. Elas sempre têm ouvido e atendido ao chamado divino. Aproxima-se o momento em que ambos, em comunhão, ouvirão o chamado e juntos responderão: "Eis-nos aqui, Senhor, envia-nos para teu serviço".¹⁸

17. Caio Fábio D'ARAUJO Filho, *op. cit.*, p. 64.

18. COLÉGIO Episcopal da Igreja Metodista, *op. cit.*, p. 17.

O Relacionamento Masculino-Feminino e a Problemática dos Meninos e Meninas de Rua

*Solymar Correia Alves e
Ronaldo Alves Leite*

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresentamos é fruto do convívio e do ministério que temos gradativamente assumido, diante do Senhor, com meninos e meninas de rua. É, também, fruto de uma reflexão em torno da pouca literatura existente sobre o assunto.

Meninos e meninas de rua não são os vendedores de amendoim, de pipoca, os limpadores de pára-brisas nos semáforos. São, todavia, pessoas que já estão lançadas nas ruas, pessoas que perderam os laços familiares e encontram na "praça" sua casa e seu lar. Foram, como toda criança, concebidos por um casal de seres humanos, que certamente fez planos para o seu futuro. Estão "na rua" por circunstâncias que escapam ao seu controle, como frutos de uma sociedade desorganizada, regida por um capitalismo desumano, traduzido em estruturas totalitárias, autoritárias e egófstas.

Não utilizamos o termo "menor", pois ele é revestido de uma enorme carga de preconceito e discriminação.

1. O CHORO PELA VIDA E PELA MORTE

O problema dos meninos e meninas de rua, assim como o de crianças e adolescentes carentes, não é novo. Já em 1693 temos conhecimento de um documento que demonstra o interesse superficial pela proteção da infância abandonada, bem como o descaso e o desinteresse dos órgãos oficiais de então. O documento menciona a resposta do rei Dom Pedro II de Portugal a um de seus prepostos no Brasil, o qual havia escrito ao rei acerca da pouca piedade para com as crianças enjeitadas, ocorrendo muitas mortes em função do desamparo. Mesmo assim, os oficiais da Câmara não chegam a se comover, no sentido de proporcionar quem as crie.¹

1. Cf. Floro de Araujo MELO; *A história do menor no Brasil* (Editora Borsoi), p. 16.

Através de anos a luta pela dignidade e pelos direitos da criança e do adolescente tem sido caracterizada por uma completa indefinição e inconstância, exceto nos últimos anos, com as manifestações de instituições internacionais, que repercutiram diretamente na "consciência nacional".

No exterior, as crianças brasileiras recebem, depois de mortas, o mérito e a importância que jamais tiveram quando em vida na sua pátria. A fome, a prostituição juvenil, a vida e a morte, tudo isso, como comenta Herbert de Souza, "é a própria definição do nada. Não valem nada, não têm ninguém senão a si mesmas".²

Preocupação, sensibilidade e programas que na prática não são concretizados (ou que demonstram resultados tímidos e apenas remediadores) não constituem solução para a realidade brasileira. A população, mesmo de forma inconseqüente, clama por medidas realmente efetivas e transformadoras. Todavia, pelas crianças e adolescentes que estão nas ruas do Brasil, quase nada tem sido feito.

1.1 - "As infames personagens de nossa história"

Decorrente de um quadro social de completa desorganização, surgem as infames personagens de nossa história, culpadas e responsabilizadas por roubos e toda sorte de violência urbana: o menino e a menina de rua, que buscam nas ruas um lar e a satisfação de suas necessidades mais básicas e primárias. Assim, em função da sobrevivência, fazem de tudo: dormem nas marquises, engraxam sapatos, cuidam de carros, catam papéis, comem restos de comida nas calçadas, roubam, prostituem-se, drogam-se e lançam mão de qualquer expediente para sobreviver.

Diz a sabedoria popular: "chuva cai de cima para baixo", "a corda arrebenta do lado mais fraco". Aos poucos, em decorrência das dificuldades e da violência vividas no lar, crianças e adolescentes vão perdendo os laços e os sentimentos que ainda os ligam à família, fazendo da rua não só um local de trabalho, mas também de lazer e moradia, em busca daquele laço perdido. Na rua aprendem, de forma distorcida, princípios éticos e morais, pois o seu desenvolvimento ocorre dentro de seu mundo significativo.

O senso moral do indivíduo não é algo geneticamente determinado. Cada um de nós incorpora de seu mundo significativo uma série de valores através da aprendizagem social (...). O senso moral de cada indivíduo é relativo ao meio que o produziu.³

2. Cf. VIDAS em risco: *Assassinato de crianças e adolescentes no Brasil* (Rio de Janeiro: IBASE e Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, 1991), contra-capá.

3. Rosa MERVAL, *Psicologia evolutiva* (Petrópolis: Vozes, 1983), vol.3, p. 62-63.

Na somatória, pois, de nossas realidades e experiências é que formamos nosso "código moral". Assim, não se pode esperar que meninos e meninas de rua sejam diferentes do que são, diferentes do que aprendem a ser nas ruas ou nos antigos lares.

Cedo, a sociedade que forma a menina de rua lhe mostra que ela é mulher. Como tal, é violentada e usada. A primeira violência sexual é geralmente da autoria de seu pai, padrasto, ou simplesmente de um dos maridos de sua mãe.

Uma garota de 16 anos conta: "Meu pai me obrigava a fazer sexo com ele, e eu agüentava calada. Ninguém ia acreditar em mim, e minha mãe fazia de conta que não via". Outra menina de 16 anos: "Eu não presto, sou maloqueira desde que meu pai me fez mulher dele". E, ainda, uma de 14 anos: "Eu me perdi por culpa de minha mãe e de meu padrasto. Meu padrasto queria fazer mal para mim e me chamava de 'biscate' de 'puta'". Como menina-mulher ela pode ser comercializada, satisfazendo adultos desajustados e dando lucros a policiais corruptos. Rapidamente, a sociedade faz a menina-mulher compreender o seu papel, fazendo-a pagar, diariamente, alto preço pelo seu pecado: ser menina de rua que se tornou menina-mulher, menina prostituta.

À menina de rua não é dado o tempo para que descubra sua sexualidade ou para que acompanhe as transformações que ocorrem no seu corpo.

A menina aprende o que lhe foi permitido aprender, exercita o que lhe foi permitido saber, não compreende que a mesma sociedade que a acusa nunca lhe deu condição de ser diferente, pois a ela não foi dada a oportunidade de aprender e conhecer as normas da sociedade.⁴

Sendo objeto, a sua inércia, o seu não consentimento ou a sua cooperação não modificam o seu papel natural, social e anatômico: satisfazer o homem. Este, por sua vez, não se preocupa com o interesse ou a satisfação da menina de rua. Se, para a menina que tem pessoas que a orientam e a ajudam em e durante seu desenvolvimento, a vida sexual já é algo complexo e, muitas vezes, difícil de compreender e aceitar (em função da carga de ambigüidade que carrega), para a menina de rua, o sexo, quando relacionado com o adulto, é sinônimo de violência, subserviência e sobrevivência. Gilberto Dimenstein registra o depoimento de uma menina de rua: "Nós temos o corpo para vender. Nós serve a eles".⁵

Para o menino, essa luta, essa adaptação, vem sendo incentivada desde a primeira infância. Ele realiza o aprendizado do sentido de sua existência como livre movimento para o mundo. Ele compreende seu corpo como meio para o domínio. Suas brincadeiras requerem de si atividades físicas, resistência e força. A rua se

4. Ana VASCONCELOS, *SOS Meninas* (Edição Casa da Passagem, 1990), p. 36.

5. Gilberto DIMENSTEIN, *A guerra dos meninos: Assassinatos de menores no Brasil* (São Palo: Brasiliense, 5. ed.), p. 22.

lhe apresenta como um desafio a ser vencido, para assim provar sua força e virilidade. O medo deve ser escondido, assim como a angústia e a dor. O menino leva para as ruas, de forma ampliada, aquilo que apreende na sua experiência familiar. A vida e a morte passam a ser um simples e arriscado jogo.

1.2 - A descoberta da sexualidade

A descoberta da sexualidade, para os meninos, é profundamente diferente do que para as meninas, tanto do ponto de vista biológico quanto social e psicológico. A forma pela qual a sociedade encara essa descoberta é que produz a diferença essencial. Enquanto da menina é exigido mais recato e acomodação (haja vista que "já é uma mocinha"), o menino é levado ao mundo para conhecer e provar a sua sexualidade. Na rua as coisas não são diferentes. Os meninos não são vistos como objeto sexual da mesma forma como o são as meninas. A sociedade não exige, insaciavelmente, o uso da sexualidade deles, obrigando-os a serem objetos passivos dos desejos e perversões sociais.

O abuso sexual de meninas e adolescentes constitui um componente importante da socialização da mulher para submeter-se ao poder do macho. Isto não significa a inexistência de abusos sexuais de meninos. Contudo, pesquisas revelam que o percentual de meninas sexualmente vitimadas representa mais do que o dobro em relação aos meninos.⁶

Para as meninas, uma maneira de sublimar os problemas e traumas causados por sua condição sexual, pela sua vida sexual e afetiva, é o homossexualismo. O homem passa a representar algo desagradável, dominação e, muitas vezes, violência e usurpação do seu próprio ser. Na relação com outra menina, ela encontra cumplicidade. Como parceiras homólogas, elas podem se relacionar em vínculo de igualdade. Uma menina de 15 anos declarou: "As pessoas tem que vê que a gente cansa de levar porradas de homem, a gente quer ser amada. A mulher sabe entender melhor a gente".

1.3 - Entre risco e prioridade absoluta para a sociedade

Durante muito tempo, problemas sociais como meninos e meninas de rua e delinquência juvenil foram vistos como práticas criminosas, tendo sido criadas instituições corretivas e repressivas. Assim, teve início a implantação da política nacional do bem-estar do menor, representada pela FUNABEM e pelas FEBEMs, órgãos que desenvolveram um atendimento visando o controle social. O resultado de tudo isso foi que os "menores", por motivos judiciais ou assistenciais, eram e ainda são, simplesmente colocados atrás das grades ou em instituições fechadas.

6. Helecieth SAFFIOTI, *Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder* (Editora Iglu), p. 18.

Atualmente, com a criação do **Estatuto da Criança e do Adolescente**, estes são considerados prioridade absoluta, embora a antiga concepção só tenha mudado em alguns setores oficiais. Ao lado disso, efetivamente, os direitos da criança e do adolescente continuam sendo renegados a último plano. Ainda não existem escolas nem hospitais suficientes. Acima de tudo, ainda são efetuadas, em larga escala, prisões injustificadas, abuso de poder, estupros etc. Nas ruas, os direitos permanecem como simples palavras, ou seja, na teoria.

1. 4 - O envolvimento com o crime organizado

Os meninos e as meninas de rua são, em muitos casos, obrigados a se envolverem com o crime organizado. Isto ocorre também porque não deixa de ser uma proposta atraente para eles, pois, aparentemente, sentem-se protegidos por adultos e policiais envolvidos com "ganges". Entretanto, quando perdem a sua utilidade são brutalmente assassinados pelos seus "protetores". É a famosa "queima de arquivos".

Há muito tempo o extermínio de meninos e meninas de rua é uma realidade no Brasil. Hélio Saboia, enquanto Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, afirmou que "é realidade o extermínio e o envolvimento de policiais, matando ou dando proteção".⁷

1. 5 - Conseqüências do abandono

A menina de rua, abandonada física e psicologicamente pelo pai e/ou pela mãe, *sofrerá para sempre esta perda. Parte de sua vida afetiva é destruída.* A clara evidência das conseqüências deste abandono se estabelece em relação ao sentimento de maternidade que as meninas de rua possuem. Embora para algumas, a solução para uma gravidez não desejada seja o aborto, para muitas meninas a maternidade é a solução para suas vidas:

"- Pensei no suicídio, mas não tive coragem. Comecei a achar que um filho seria a solução. Queria ter um filho. Com a gravidez, comecei a me entregar ao filho que estava gerando, fiquei mais calma".

Estas mães, freqüentemente, não conseguem manter seus filhos, pois são abandonadas. Mas, mesmo diante do abandono da família, do pai da criança e da sociedade, as meninas-mães não abandonam seus filhos. Lutam pela posse e pela sobrevivência deles, demonstrando reações de amor e dedicação, ainda que não tenham recebido exemplos para que assim procedessem.

São meninas violentadas, perseguidas e usadas, meninas que aprendem a ser mulheres de grande percepção e sensibilidade; seres fortes, com um passado que as faz diferentes, singulares. São meninas que não tiveram infância, que sofreram intensa e diariamente a discriminação pelo fato de serem mulheres, por

7. Gilberto DIMENSTEIN, *op. cit.*, p. 18.

terem o intuito de construir o seu destino, por desejarem reger suas vidas, sair da opressão de seus lares.

2 - O CHORO PELO SILÊNCIO DA IGREJA

Sentimos grande silêncio na literatura teológico-pastoral acerca do assunto até aqui abordado. Não será claro sintoma de que a teologia e a igreja sempre manifestaram preocupação com os desfavorecidos mas, ao mesmo tempo, continuaram a ser reflexão e instituição que abarcam os mais favorecidos? Em muitos casos, a assim chamada "opção preferencial pelos pobres" se mostra somente como assistencialista e/ou demagógica.

A história bíblica de Abraão, Sara e Hagar, pode trazer alguma luz à situação das crianças e adolescentes de rua no Brasil.

2.1 - Abraão e sua família, conflito e abandono

Abraão, homem idoso, experiente, edificado na obediência e na fidelidade a Javé, é alvo de uma dupla expectativa: o anseio de ser pai de uma grande nação, fiel ao Deus que o havia chamado, e libertar-se da dominação e do controle dos poderes autoritários das cidades-estado.

Assim, Abraão partiu, ao lado de Ló, num êxodo libertário de obediência e fé. A longa caminhada e a espera de aproximadamente 25 anos enchem Abraão de desânimo e angústia.

Na caminhada, Sara cresce e se torna sujeito ativo de sua história, não mais uma espectadora. Sara propõe soluções, questiona e toma decisões. É nesse momento que surge, no cenário bíblico, a escrava Hagar. Sara, após a comprovação de que "havia lhe cessado o costume das mulheres", fez uso do costume e direito dos povos semi-nômades: a esposa, não conseguindo gerar filhos, tinha o dever de providenciar uma serva para servir de concubina ao marido. Este costume visava manter e/ou aumentar a população. Além disso, lembramos que este era um dever conjugal que, em alguns casos, já constava no momento da cerimônia de compromisso matrimonial. No episódio em questão, Deus havia confirmado a promessa, não sendo necessários artifícios humanos.

O conflito entre Sara e Hagar não pode ser minimizado como uma simples relação de atrito entre duas mulheres. Não encontramos apenas uma esposa estéril e uma concubina fértil. Temos, na realidade, um sério conflito entre uma mulher senhora e uma mulher escrava. As condições se tornaram desiguais e completamente desfavoráveis à segunda.

O texto bíblico não fornece detalhes específicos, embora se possa imaginar uma senhora idosa, sem condições de cumprir o principal dever conjugal, diante de uma escrava fértil, com reações de insolência e desrespeito.

Neste ambiente hostil, onde há inimizade e discriminação, é gerado e

nasce Ismael, criança desfavorecida, fruto da força da autoridade de um ser humano sobre o outro. Fruto da imposição de leis, direitos e deveres. Nasce sem afeto, sem carinho e amor. Conseqüentemente, logo após o seu nascimento é envolto em ciúmes e discórdia. A vida lhe ensina mediante duras lições. Quando era ainda criança de peito, a "rua", o deserto, fora-lhe apresentada como alternativa para fugir de sua insuportável realidade.

O seu lar não é completo. Existe um pai; todavia, este está ausente e fragilizado pela consciência de seu profundo engano. Sua mãe está envolta num misto de orgulho, menosprezo e profunda humilhação.

Ao lado disso nasce Isaque, cercado de todo carinho e aparato. Ele fora esperado com ansiedade ao longo da vida conjugal de Abraão e Sara. Ele sim é festejado. Seu nome faz rir, transmite a alegria de uma criança nascida como fruto de relação que tem como base o amor.

O texto bíblico faz menção a um momento de convívio fraterno entre os dois meio-irmãos. Brincando os dois juntos, não percebem que são diferentes aos olhos da sociedade. Brincam como quaisquer crianças, sem preconceitos, sem maldade, sem diferença de classes, com o amor que só na inocência e em Deus é encontrado. Contudo, o momento de união é fortuito. Logo o mundo desumano e carente de amor, determinado pelos padrões da sociedade adulta, separa-os. Um continua a sua vida cercado de carinho, amor e cuidado, sendo educado para ser o herdeiro da promessa. O outro encontra-se desprezado, no deserto, na rua. Sua mãe se afasta, na tentativa de não vê-lo morrer, diminuindo a dor de ver seu filho desfavorecido e na rua.

É neste cenário que Javé, mais uma vez, interfere com o objetivo de pôr as coisas em ordem. Salva a vida da criança e o promove a ser humano integral, amado, alvo de sua preocupação. Um novo pacto é firmado; desta vez, com Hagar e com a criança outrora desfavorecida.

O momento de crise vivido pela família de Abraão e Sara, assim como por Hagar e seu filho, foi oriundo de um profundo engano. Desta decisão precipitada, Ismael foi o mais atingido. Inocentemente sofreu por causa do erro dos adultos e recebeu a "rua" como seu destino e fim, o que, fatalmente, seria definitivo sem a interferência de Javé.

3 - O CHORO POR UMA NOVA GERAÇÃO

Grupos ou Igrejas locais que tentam pôr em prática o seu compromisso com os desfavorecidos ou ser instrumento da resposta de Deus vêem que suas intercessões são analisadas com estranheza. Abraão foi chamado para ser uma bênção a todos os povos da terra. Mas, por sua vez, os cristãos estão sentindo muitas dificuldades em serem bênção para os camponeses, pobres e, principalmente, para meninos e meninas de rua.

As poucas iniciativas de ação prática têm se defrontado com um problema

comum: a questão da evangelização e da ação social. Caio Fábio D'Araújo Filho coloca como irresponsabilidade a separação da evangelização e da ação social, como se ambos fossem incompatíveis. A Igreja se torna agente de "serviço e transformação histórica" na medida em que reconhece o ser humano como ser integral, sem necessidades absolutamente prioritárias. Poderão haver momentos onde uma ou algumas de suas necessidades precisarão ser tratadas com primazia, sendo isto uma questão de responsabilidade e discernimento. É importante que a igreja, mesmo em suas tímidas e isoladas ações, tenha plena consciência de que sua motivação deve ser o conhecimento da preocupação de Deus com "o bem-estar em nossa sociedade, para que a justiça, a reconciliação e a paz reinem em todos os homens".⁸

Estas ações devem ser norteadas por princípios instituídos por Deus, os quais se dirigem a toda e qualquer comunidade (a todo o corpo de Cristo), e, a partir disso, pelo esforço para que a prática da Igreja seja fruto de um real e íntegro compromisso com o Senhor da história.

O questionamento principal não é assistir ou evangelizar, mas sim, como assistir e evangelizar. Reputamos como prejudiciais os programas paternalistas que geram pessoas dependentes e, ao mesmo tempo, indisciplinadas. Como afirma Evanildo Fernandes, isto significa "preservar a criança hoje e assegurar o escravo de amanhã". Em qualquer ação cristã o ser humano deve ser visto como imagem e semelhança de Deus, sendo, em muitos casos, necessária a recomposição e reestruturação dessa imagem. A caminhada e a restauração são feitas ao longo de um caminho árduo, sendo preciso, algumas vezes, rigor e austeridade na disciplina.

CONCLUSÃO

É inadmissível continuar existindo meninos e meninas de rua, da mesma forma que toda a falta de educação, violência, uso, abuso e extermínio contra os mesmos.

Tem sido ponto falho, em programas de apoio a meninos e meninas de rua, a reeducação no âmbito da relação masculino-feminino. Este ponto falho contribui significativamente para o aumento dos conflitos adquiridos neste relacionamento, reforçando a permanência dos preconceitos e distorções já existentes.

Meninos e meninas de rua não escolhem a rua como seu lar. São jogados ao abandono da "praça" em razão de circunstâncias sócio-político-econômicas que escapam a sua possibilidade de compreensão e controle, estando eles ansiosos por uma oportunidade de mudança. Kátia, menina de rua, a este respeito afirma:

"- A rua não tem o que dá pra ninguém. Eu fico na rua, mas sofro demais.

8. Andrew KIRK, Igreja comunidade de serviço (Rio de Janeiro: Vinde), p. 9.

Brinco e me divirto, mas ninguém nunca sabe o que estou pensando. Fico pensando por que eu não tive amor. Às vezes o policial força a gente a roubar. A gente tá assim quieto e eles vêm chutar a gente. Bate porque a gente tá sem fazê nada, aí a gente vai roubar”.

A menina de rua, pelo que aqui já foi refletido, sofre muito. E, geralmente, nutre o desejo de acertar, de ser mãe diferente do que o foi sua mãe. Eis o depoimento de uma menina de 13 anos:

”- Eu agora já sei porque a minha mãe fez tanta coisa errada. Quando eu nasci ela só tinha 13 e o pai dela expulsou ela de casa, porque ela ficou grávida de mim. Eu não quero ser prostituta como minha mãe, eu não quero sofrer como ela sofre”.

Este sentimento é devido ao desencanto com a vida. Para seu próprio alívio, a menina de rua nutre a esperança de ser semente de uma geração diferente.

Urge uma resposta coerente e viva para essa desconcertante e impertinente pergunta de uma menina de rua de 12 anos de idade: “Por que a gente não nasce duas vezes? Será que não dá para nascer de novo?”. Não é possível recuperar os anos mal vividos desta criança e de tantas outras em iguais condições. Como afirma um garoto de 14 anos de idade: “Ninguém vai trazer de volta o que tiraram de minha vida”. Porém, para o seu presente e para o seu futuro a igreja deve ser modelo e agente de restauração de toda esta situação.

Quando a igreja cristã estiver disposta a se despojar da realização de grandes obras, de estudos especulativos mal interpretados, da proclamação rígida de seus dogmas, poderá provar da grande bênção de ser serva, instrumento do Senhor na (re)formação e reestruturação da imagem de Deus nesses pequenos amáveis rebeldes.

MASCULINO-FEMININO: EM BUSCA DE SAÚDE E OBEDIÊNCIA

Documento

INTRODUÇÃO

A Fraternidade Teológica Latino Americana-Brasil reuniu-se em Campinas, de 19 a 22 de setembro de 1991, para discutir e aprofundar o tema **Relação masculino-feminino: em busca de saúde e obediência**.

O tema é resultado da proposta de algumas mulheres da FTL-Brasil que, reunidas no ano anterior para agendar uma consulta sobre a **mulher**, perceberam a urgência de se estudar a relação masculino-feminino, antes de se tratar da questão da mulher propriamente dita, o que se dará em consulta posterior.

O Pr. Hilton Oliveira e Ilze Zirbel apresentaram estudos de natureza bíblico-teológica; Raquel Prance apresentou um ensaio antropológico sobre o relacionamento homem-mulher a partir de sua inserção numa comunidade pobre; Isabelle Ludovico da Silva estudou o tema numa perspectiva psicológica, enfatizando a visão de Jung; Solymar e Ronaldo Alves abordaram o tema a partir de sua experiência prática, como casal que trabalha com meninos e meninas de rua em Maceió, Alagoas; Yokimi Yuaça, obreira da Igreja Holiness, em processo de ordenação, preparou um trabalho sobre a situação da mulher no ministério eclesialístico.

Paul Freston e Marília Schüller foram o debatedor e a debatedora principais, tecendo considerações sobre cada palestra, enriquecidas com as contribuições das diversas plenárias e dos grupos organizados para debate e aprofundamento dos tópicos.

Dada a impossibilidade da redação final ser feita durante a consulta, este relatório foi preparado posteriormente pela equipe de Maceió presente àquela reunião.

1- MASCULINO-FEMININO NA BÍBLIA

Os relatos da criação no livro de Gênesis afirmam, em estilos diferentes, a igualdade entre homem e mulher. O texto de Gn 1.27 diz que ambos, homem e mulher, refletem a imagem de Deus; e Gn 2.18 descreve a mulher como "ajudadora idônea" (ao mesmo nível) do homem.

A queda rompe essa harmonia, criando distorções dos relacionamentos dos seres humanos com Deus, com a natureza e entre si mesmos. A destruição da

aliança com Deus quebra a aliança do homem com a mulher pela dominação do primeiro e pelo sofrimento e submissão da última.

O nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus inauguram a era do Reino de Deus e a restauração de todos os relacionamentos rompidos. As atitudes de Jesus para com a mulher restauram a dignidade da mesma. Destoando da teologia da época, Jesus cura mulheres, convive com mulheres (inclusive com prostitutas), aceita mulheres como discípulas, discute teologia com mulheres e revela-se ressurreto primeiramente a uma mulher.

Dentro dessa perspectiva, a igreja de Jesus é chamada, em profundo arrependimento, a reformular sua teologia, suas estruturas e seus relacionamentos internos, a abrir espaços para homens e mulheres exercerem os seus dons, talentos e vocações específicas, sem restrições ou discriminações.

Para isto, torna-se necessário o desenvolvimento de uma hermenêutica comunitária, onde homens e mulheres, juntos, estudem profundamente o tema, estendendo-se esta discussão às igrejas e comunidades evangélicas.

A chave para o relacionamento homem-mulher não pode ser a hierarquia, mas o serviço mútuo, conforme a autoridade exercida e preconizada por Jesus Cristo, conforme Mt 20.20-28.

Neste momento histórico, o problema da linguagem, inclusive, é crucial. A linguagem exclusiva na interpretação do texto bíblico não é algo meramente formal, mas questão de conteúdo, que implica em dominação. Atribuir aspectos unicamente masculinos a Deus, a Cristo e ao Espírito, significa sacralizar o patriarcado e reforçar o machismo de nossa sociedade. Lembramos, também, que as palavras para Espírito, na Bíblia, não são masculinas: ruah, no Antigo Testamento, é uma palavra hebraica feminina; pneuma, no Novo Testamento, é uma palavra neutra no grego, o que nos abre sugestivas possibilidades.

2- O SER HUMANO HOMEM-MULHER, A CULTURA E A SOCIEDADE

A categoria teológica "queda" tem correspondentes desdobramentos a nível pessoal (psicológico), a nível cultural (antropológico) e a nível político e econômico (sociológico).

A monumental construção de Freud sobre a psiquê humana encontra sua brecha na mulher, definida e valorizada em função do homem (tendo este valor em si mesmo).

Para Freud, o modelo de desenvolvimento do homem é a norma geral, e a mulher o seu desvio. Associou feminilidade à passividade, falta de pênis, narcisismo, superego mais fraco, deficiência intelectual, tendências masoquistas, instinto, desejo e prazer. Tudo que é primitivo, ilusório, sensual e imediato. Enquanto isso, masculinidade foi associada ao ideal humano, à renúncia, saúde mental, intelecto independente, moralidade, razão, subli-

mação, possessão de pênis, desenvolvimento da ciência e da cultura. (Palestra de Isabelle Ludovico)

Evidentemente, Freud confunde inferioridade social, resultante de processos históricos e sócio-culturais, portanto provisórios e acidentais, com inferioridade psicológica e neurológica permanentes.

É em Jung que a reflexão teológica pode encontrar a ponte para um trabalho de reinterpretação e restauração do relacionamento masculino-feminino. Para Jung, masculino e feminino são categorias encontradas dentro do homem e da mulher, estando o crescimento do ser humano ligado ao aceitar, assumir e vivenciar estes dois arquétipos denominados, respectivamente, *animus* e *anima*. O masculino, *animus*, é o princípio de diferenciação; e, o feminino, *anima*, o princípio de agregação, sendo que o *self* é o centro andrógino-masculino-feminino, facilmente relacionável à *imago Dei* (imagem de Deus).

A nossa cultura reflete muito mais o patriarquismo fálico de Freud do que o integralismo de Jung, demonstrado claramente na publicidade veiculada pelos diversos meios de comunicação e em nossa linguagem cotidiana.

Um "outdoor" da Benetton espalhado pelas cidades do Brasil apresenta uma mulher negra amamentando uma criança branca. O quadro chocante e paradoxal, reforçado pelo fato de ser propaganda da "alta costura", possui um detalhe revelador: a mulher está fragmentada, a sua cabeça não aparece, apenas os seus seios, que nutrem uma criança inteira.

Este e outros anúncios servem para reforçar a imagem de que a mulher (ainda mais a negra) serve apenas para a reprodução biológica, não serve para pensar. Enquanto o homem participa ativamente do processo cultural como produtor, a mulher aparece como reprodutora, portanto, sem valor em si mesma. O homem é cabeça pensante, a mulher é corpo utilizável, fonte de prazer do homem e máquina de gerar seus filhos. É próprio do homem a razão e a decisão, é próprio da mulher a paixão e a emoção.

Várias conversas cotidianas, recolhidas por Raquel Prance em uma comunidade pobre, revelam como a mulher assume estes estereótipos culturais impostos pelo sexo dominante. Sua linguagem reflete a sua situação de dominada e desvalorizada, o que é agravado por uma atitude profundamente fatalista.

Quando chega aos grupos marginalizados, a relação masculino-feminino e a sexualidade assumem contornos grotescos e desproporcionais. Do relato do trabalho prático de Solymar e Ronaldo, em Maceió, Alagoas, junto aos meninos e meninas de rua, pudemos perceber alguns aspectos desta distorção.

Primeiro, é impossível separar o componente sexualidade dos outros componentes como violência, competição, educação e miséria, tudo isso ligado ao sistema capitalista em que vivemos. A rua é uma espécie de espaço-limite entre a realidade e a possibilidade. Por ser, ao mesmo tempo, o lugar da liberdade e do extermínio, o menino e a menina exprimem a sua identidade sexual em visível

conflito.

A menina, na rua, não é liderada, é companheira, e, muitas vezes, líder, influenciando para tanto fatores constitutivos de sua personalidade, independentes de seu sexo. Seu relacionamento sexual com o sexo oposto raramente é com meninos. O adulto, muitas vezes um policial, é frequentemente o seu parceiro sexual masculino, transmitindo-lhe uma sexualidade ligada à violência e exploração pelo uso da força. A menina não decide, junto ao homem, quanto a sua sexualidade. Esta lhe é imposta violentamente. A única relação consentida pela menina de rua, com o adulto, é em troca de dinheiro ou de favores, inexistindo, portanto, o componente afetivo nas suas trocas sexuais com o sexo oposto. De fato, afeto ligado à sexualidade só serão experimentados nas suas práticas homossexuais.

O menino encontra na rua o ambiente propício para repetir o padrão cultural que lhe foi dado. Neste lugar onde competição significa sobrevivência, ele precisa "ser homem", em outras palavras, decidido, determinado, agressivo e até violento. Por isso, raramente um menino se torna homossexual na rua; os que têm práticas homossexuais já as tinham antes de chegarem às ruas. Estes últimos aprendem, nas ruas, a cultura da competição, agressão e violência. Portanto, na rua caem alguns estereótipos sobre o comportamento sexual. Meninos, meninas e homossexuais são competitivos, agressivos e violentos, não estando estas características associadas inevitavelmente à sexualidade.

Não sabemos que marcas podem produzir nas vidas e relacionamentos destas crianças uma sexualidade assim vilipendiada. Mas, um sinal de esperança e de possibilidade é o quadro da gravidez acidental (não planejada) de Índia, uma adolescente, na época da concepção com 13 anos de idade. Quando a criança nasceu houve uma revolução afetiva na Praça Deodoro (local de concentração de meninos e meninas de rua em Macció), os meninos desdobraram-se em carinho e cuidado, como que assumindo a paternidade do recém-nascido. A mãe resistiu por vários meses aos apelos das autoridades para que se desfizesse do bebê, só o fazendo posteriormente, por desejar um futuro melhor para o mesmo. Mesmo assim, ainda hoje, dois anos depois, lamenta a distância da criança e reclama da decisão judicial de não permitir que ela veja a sua filha, adotada por outra família.

3- IGUALDADE E DESIGUALDADE SEXUAL NA IGREJA

Surpreendentemente, é na igreja de Jesus Cristo que há a maior dificuldade de se expressar uma igualdade entre homem e mulher. Enquanto as leis da sociedade permitem cada vez mais o livre acesso da mulher a todos os setores da vida pública e os estudos sobre identidade e relacionamento reforçam a igualdade, a grande maioria das igrejas proíbem o acesso da mulher a cargos de liderança, bem como a maior parte de sua reflexão teológica sacraliza a desigualdade.

Apesar de vermos aumentar o número de pastoras ordenadas ao ministério, o número de homens' nesta função é infinitamente maior, sofrendo as

pastoras existentes vários tipos de discriminação. Isso se deve, especialmente, ao fato dos homens controlarem as estruturas e a reflexão teológica da igreja. Certamente, com o generalizado avanço dos direitos da mulher, a igreja experimentará uma maior socialização das suas estruturas e do seu pensar teológico, o que implementará mais rapidamente a igualdade entre homem e mulher no seu seio. Infelizmente, a igreja que deveria comandar a luta pela igualdade vem a reboque desta.

4- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. O estudo da relação masculino-feminino não pode se limitar aos efeitos do modelo discriminatório sobre a mulher oprimida, mas também aos efeitos nocivos para o homem opressor. Tanto a mulher que busca dependência quanto o homem que busca dominação, escondem, atrás destes mecanismos, suas inseguranças e frustrações, e, portanto, seus sofrimentos. Tanto o homem como a mulher precisam lutar contra si mesmos para romper essa estrutura de dominação. A "opção pela perda" é uma opção difícil. No entanto, a autorealização de um, às custas da não realização do outro, perfaz um esquema destrutivo que precisa ser percebido, combatido e exorcizado.

2. A família é o lugar revelador do estado de sanidade ou insanidade da sociedade em geral. Existe, entre família e sociedade, uma relação de inter-influência e inter-alimentação, onde o desequilíbrio de uma leva ao desequilíbrio da outra e o equilíbrio de uma leva ao equilíbrio da outra. Consequentemente, o projeto de saúde para o relacionamento masculino-feminino na família passa pela reestruturação da sociedade em sua dimensão político-econômica. Além disso, o projeto de restauração da sociedade passa pelo saneamento da família.

3. O projeto de restauração do relacionamento masculino-feminino não pode ser um projeto de dominação nem um projeto de independência, mas um projeto de inter-dependência, construído comunitariamente (entre homem e mulher), onde o processo de socialização e o processo de individuação do ser humano sejam respeitados e encontrem um ponto de equilíbrio.

4. As ciências humanas, a teologia e os meios de comunicação têm sido, via de regra, instrumento de ideologia da classe e do sexo dominante, reforçando os mecanismos de dominação e manutenção do "status quo". Se na era da Mídia é impossível desligar a televisão, também não se pode delegar à mesma a tarefa de educação da família. É preciso encontrar maneiras criativas de utilizá-la a favor de papéis sadios; combatendo, ao mesmo tempo, sua força destruidora. O desenvolvimento de um senso crítico para adultos e crianças e o estudo de padrões cristãos são armas eficientes contra o poder devassador dos meios de comunicação.

5. Quanto aos meninos e meninas de rua, urge uma resposta coerente para a desconcertante pergunta de uma menina de 12 anos: "Por que a gente não nasce duas vezes? Será que não dá para nascer de novo?". Não é possível recuperar o

passado, como afirma um menino de 14 anos: "Ninguém vai trazer de volta o que tiraram de minha vida". Porém, para o seu presente e futuro a igreja pode e deve ser o modelo e o agente de sua restauração.

6. Para o reaprendizado do que significa ser homem ou mulher no seu sentido integral é necessária uma grande dose de conscientização, decisão e coragem. Isto se dá através de uma agenda prática que elabore uma hermenêutica bíblica comunitária (entre homens e mulheres), uma educação sexual comunitária e um ministério comunitário, onde homens e mulheres, cidadãos iguais do Reino, serão parceiros iguais na história.



FTL-B

FRATERNIDADE TEOLÓGICA
LATINO-AMERICANA

